コンプティーク2009年3月号増刊　TYPE-MOONエース VOL.2付録

Fate/strange fake

Narita Ryohgo

Novel JP

Volume bônus da *Comptiq*, Março 2009
Suplemento para TYPE-MOON Ace Vol. 2

Narita Ryohgo

Narita Ryohgo nasceu em Tóquio em 1980 e foi criado em Saitama. Venceu o Dengeki Game Novel Gold Prize com Baccano!. Também está trabalhando em Durarara!! E várias outras séries!

Morii Shizuki

Morii Shizuki é a ilustradora dessa novel. Ela mora em Osaka. Sua obra "Fate/Zero ~KIRITSUGU~" apareceu no Volume 1 da Type-Moon Ace. Ela é a diretora de arte para "*The Summer when the Cherry Blossoms Fell*" publicada pela Dengeki Bunko.

Este trabalho foi originalmente publicado no site pessoal de Narita Ryohgo como uma piada de primeiro de abril. Desde então foi revisada para se tornar esta versão publicada.

Esta novel contém informações sobre uma certa linhagem de magos. Para evitar spoilers, recomenda-se jogar a rota *Heavens Feel* do jogo *Fate/stay night* ou assistir/ler *Fate/zero* antes de ler esta novel.

Sumário

Prólogo 10
Ato 1: Archer 26
Ato 2: Berserker 46
Ato 3: Assassin 69
Ato 4: Caster 86
Ato 5: Rider 95
Ato 6: Lancer 113
Epílogo: Player 132
Posfácio 136
Extra: "Nasu, o Editor Chefe" 139

Fate/strange fake

フェイト　ストレンジ・フェイク

成田良悟

Você encontrou uma cidade suburbana no oeste dos Estados Unidos: Snowfield. Você não era um mago, nem tinha poderes sobrenaturais. Mesmo assim — por alguma reviravolta do *destino*, você participaria da "Guerra" nesta cidade.

A "Guerra do Santo Graal". Talvez você compreendesse em que esta cerimônia implicava, ou talvez não. Mesmo que compreendesse, porém, o seu conhecimento seria em grande parte inútil, pois a "Guerra do Santo Graal" nesta cidade foi construída com inúmeras mentiras e invenções. Era realmente uma *estranha falsificação*.

No entanto, verdade também poderia ser encontrada. Seis Espíritos Heroicos foram convocados para a cerimônia: Archer, Berserker, Assassin, Caster, Rider e Lancer.

E no coração deste banquete, esta bizarra assembleia de Mestres e Servos — você fez a sua entrada no lugar da carta "Saber" que foi perdida. Você vai chutar sobre a mesa desta festa enlouquecida? Ou vai dançar ao lado dos outros? ——— Está tudo nas suas mãos.

Bem, agora, você está pronto para competir pelo graal nesta guerra, uma guerra cheia de pretensão?

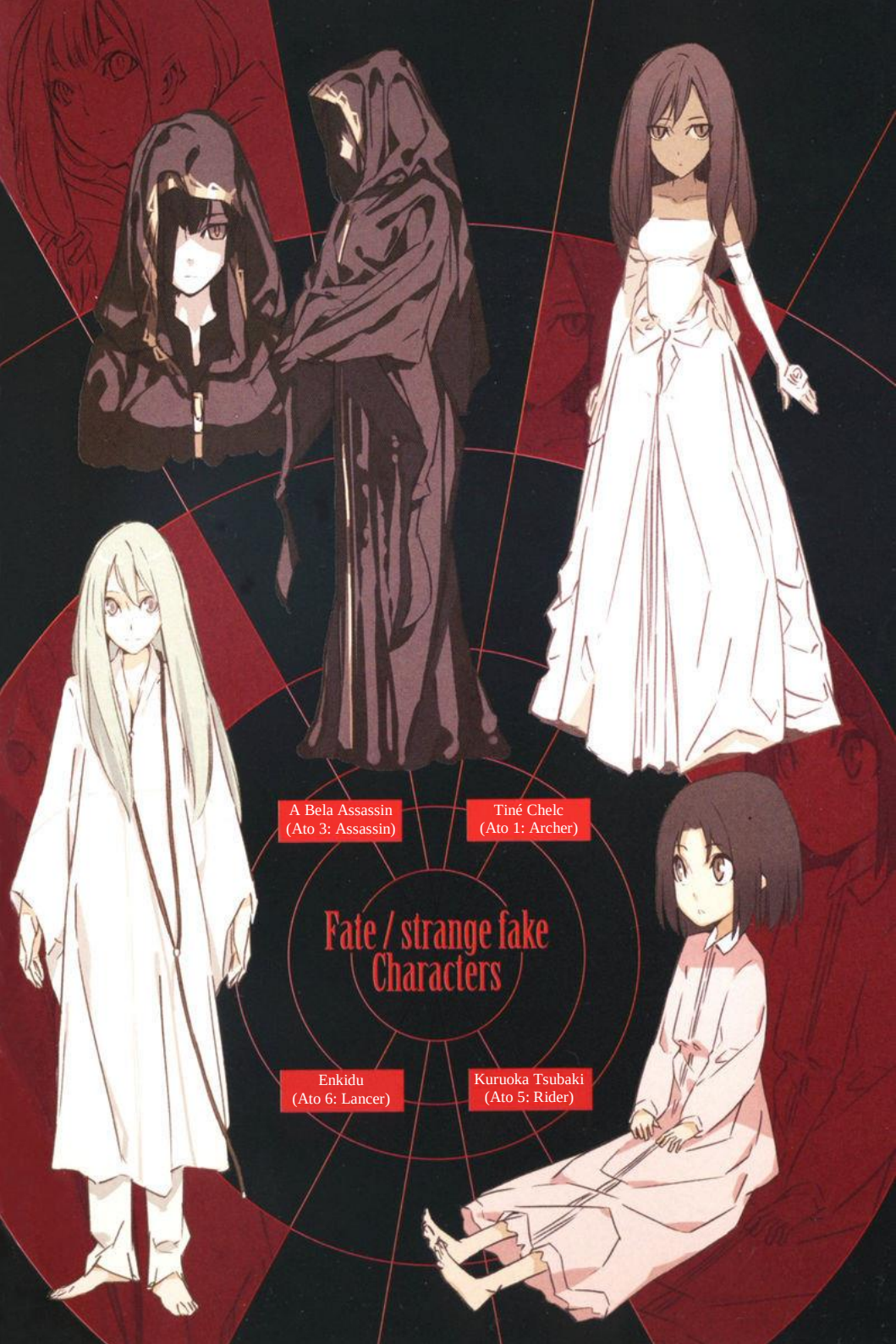
Esse novo mundo é destruído no instante em que nasce.
Seis espíritos ameaçadores se reúnem.
O desafiante não é um mago hábil. Não, ele não é não é outro você, “A”.
Governado por quatro regras terríveis, envolvido por um sentimento de impotência absoluta, você é atraído várias e várias vezes.

O mestre do jogo é Narita Ryohgo, o mais perverso dos ímpios. Suas risadas ecoam.

——— E agora, você pode morrer, completamente e sem exceções.

Nasu Kinoko

“Você se refere à minha nação como ‘jovem’.
Mas essa é mais uma razão para você se lembrar, velho.”
“...O quê?”
“Que você não deve subestimar uma jovem nação.”


A Bela Assassin
(Ato 3: Assassin)
Tiné Chelc
(Ato 1: Archer)
Fate / strange fake
Characters
Enkidu
(Ato 6: Lancer)
Kuruoka Tsubaki
(Ato 5: Rider)

Prólogo

Uma fenda.

Aquela cidade, que nascia da escuridão do sertão circundante, era certamente digna de ser chamada de “fenda”.

Não era uma barreira disjuntiva, do tipo que poderia separar o dia da noite; luz da escuridão. Pelo contrário, era uma barreira harmoniosa, que delimitava uma fronteira entre coisas do mesmo tipo. Aquela era a parte curiosa sobre a cidade de Snowfield.

Era um divisor de águas, mas as coisas que dividia não eram tão diferentes como magia e feitiçaria, nem tão semelhantes como homens e feras.

Em certo sentido, era um limite obscuro, manchado com as cores do amanhecer e do crepúsculo. Mas era mais do que apenas um divisor. Era um elo negro, gerado por uma mistura de pigmentos.

Em outras palavras, era a fronteira entre cidades, a fronteira entre a natureza e o homem, a fronteira entre um homem e uma megalópole. Não era nada diferente daquele atoleiro que separa os sonhos de um sono comum.

O Oeste Americano. A cidade fica um pouco ao norte de Las Vegas.

Seus arredores eram produto de um delicado equilíbrio. O norte da cidade era uma ravina enorme, reminiscente do Grand Canyon. Para o oeste ficava uma floresta densa, uma visão incomum em uma área tão árida. A leste, um trecho de lagos e pântanos. Ao sul, um vasto deserto se desdobrava.

Embora a cidade não tivesse fazendas, era cercada em todas as quatro direções por terras perfeitamente adequadas para a agricultura. De fato, aquela cidade sozinha era uma existência estranha que se destacava facilmente dos seus arredores.

Uma cidade emergente visando o futuro. Uma cidade com a combinação certa do natural e do artificial — alguns poderiam descrever Snowfield dessa forma, deslumbrados por sua beleza. Mas na realidade, a cidade foi construída com conceitos extremamente arrogantes. Às vezes, esses conceitos eram aparentes, mas às vezes não.

As terras ao redor eram tão naturais quanto poderiam ser. Era como se aquela cidade — aquela fenda, aquele elo, aquela mistura de incontáveis cores — se julgasse apta a trazer concordância ao seu meio. A cidade se tornou um palco negro, avaliando tudo o que a rodeava.

De acordo com registros referentes ao início do século 20, na época a área era essencialmente o lar para alguns povos indígenas e mais ninguém.

Porém, há cerca de 70 anos atrás, a área começou a se desenvolver rapidamente. No momento em que o século 21 começou, a terra tinha sofrido uma transformação total. Agora, era o lar de uma cidade próspera de 800.000 pessoas.

"Naturalmente, o desenvolvimento acelerado pode acontecer em qualquer lugar. O fato de termos sido convidados a investigar uma cidade aparentemente tão normal indica que devemos dedicar atenção especial às origens da cidade."

Assim murmurou um idoso, vestido em um manto azul-escuro.

O céu noturno estava escuro, não havia uma estrela no céu. Parecia que as nuvens poderiam se abrir a qualquer momento.

De um bosque escasso de árvores na beira da vasta floresta a oeste da cidade, o velho olhou através de um par de binóculos. Enquanto observava a luz que escapava da aglomeração dos edifícios distantes, ele continuou, com desdém em sua voz.

"Hrm... binóculos realmente são muito úteis nestes dias. Eles entram em foco com apenas o toque de um botão e, além disso, é menos

trabalhoso usá-los do que ter o aborrecimento de enviar um familiar.... Que época miserável essa que vivemos."

Com um olhar amargo em seu rosto, o velho perguntou para o jovem aprendiz que estava atrás dele. "Você não concorda, Faldeus?"

O homem chamado Faldeus estava ao lado de uma árvore, talvez a dois metros do velho. Com uma voz cheia de dúvida, ele respondeu: "Isso não importa. Mais importante, precisamos realmente estar tão preocupados com isso? A chamada... 'Guerra do Santo Graal'?"

—— Guerra do Santo Graal ——

Era uma frase que aparecia frequentemente em contos de fadas e lendas de épocas passadas. No momento em que a frase escapou dos lábios de Faldeus, seu mentor abaixou os binóculos e falou com ele, com a exaustão transparecendo em seus olhos. "Faldeus, isso é uma piada?"

"Não... eu quis dizer...", gaguejou o aprendiz. Ele baixou o olhar, como se esperasse um severo castigo.

O velho sacudiu a cabeça e suspirou, a raiva penetrando em sua voz. "Eu não acho que tenha que perguntar, mas... o quanto você sabe sobre a Guerra do Santo Graal?"

"Eu dei uma olhada nos materiais que recebi, mas..."

"Então você sabe o suficiente. Seja um mero boato entre as crianças ou as divagações de um jornal de terceira categoria — enquanto houver alguma possibilidade, não importa quão pequena, de que um objeto descrito como Santo Graal virá a existir, não podemos nos dar ao luxo de ignorá-lo."

"Pois este é o verdadeiro desejo de todos os magos, mas ao mesmo tempo, apenas um meio para o propósito final."

× ×

Uma certa vez — houve uma batalha.

Ocorreu em um certo país do Extremo Oriente.

A batalha ocorreu em uma cidade qualquer, sem o conhecimento de seu povo.

No entanto, essa batalha escondeu um segredo verdadeiramente terrível. De fato, foi uma guerra que gerou o milagre chamado Santo Graal.

O Santo Graal.

É um milagre eterno.

É uma lenda.

É uma relíquia do mundo dos deuses.

É um fim.

É esperança — e portanto, procurá-la é admitir o desespero.

A própria identidade desse objeto chamado de Santo Graal muda de tempos em tempos, de lugar para lugar e de pessoa para pessoa. Nessa guerra, o Santo Graal não era exatamente a "relíquia sagrada" como muitas vezes é imaginada.

Lá, foi dito que o milagre chamado Santo Graal apareceu sob a forma de um onipotente dispositivo que concede desejos.

Mas foi apenas *dito* que era assim, pois no momento em que a batalha para reivindicar o Graal começou, o dispositivo de concessão de desejos chamado Santo Graal não existia.

Antes do próprio Graal aparecer, sete espíritos se manifestaram.

De todas as histórias, tradições, magias e ficções deste mundo — de cada médium, "Heróis" foram selecionados para serem convocados para o mundo atual como "Servos".

Eles formaram o fundamento da Guerra do Santo Graal, e foram absolutamente essenciais para a eventual convocação do Santo Graal.

Esses espíritos, seres imensuravelmente mais fortes que os humanos, foram chamados para destruir uns aos outros.

Os magos que convocaram aqueles Espíritos Heroicos eram conhecidos como “Mestres”. A fim de ganhar de obter o Graal, um direito que apenas um deles poderia ter, eles também mataram uns aos outros. Essa carnificina é precisamente a Guerra do Santo Graal.

Os espíritos, uma vez mortos na batalha, fluíam para o vaso do Santo Graal e, quando esse recipiente fosse preenchido, o dispositivo de concessão de desejos seria completado. Esse foi o sistema subjacente à Guerra do Santo Graal.

Aquele campo de batalha era talvez o lugar mais mortífero e mais nocivo do mundo.

Os magos participantes tiveram que esconder a sua existência do resto do mundo, como sempre, assim andavam sorrateiramente durante a noite, propagando as chamas da batalha enquanto continuavam invisíveis.

Como parte da sua missão de supervisionar os objetos descritos como Santo Graal, a Igreja despachou seu próprio supervisor. Os campos de batalha brilhavam com sangue enquanto eram devastados por aqueles espíritos esmagadoramente poderosos.

E agora—

A Guerra do Santo Graal: uma batalha travada cinco vezes em uma ilha no Extremo Oriente.

Algo apareceu em uma cidade nos Estados Unidos. *Algo* que foi acompanhado por precursores semelhantes aos daquela guerra travada no Extremo Oriente. Rumores desse *algo* se espalharam entre os magos.

Como resultado, a Associação — aquela organização que reúne todos os magos — julgou conveniente realizar uma investigação secreta naquela cidade. E foi assim que um mago idoso e seu discípulo foram despachados.

× ×

"...muito bem. Seu conhecimento da Guerra do Santo Graal é suficiente. No entanto, Faldeus. Não estou impressionado com sua atitude despreocupada. Me decepciona você saber tanto sobre ela e ainda assim não se importar. Dependendo de como as coisas ocorram, isso pode se tornar uma questão que diz respeito a toda a Associação. Se isso acontecesse, aqueles miseráveis da Igreja certamente iriam se intrometer. Leve isso a sério, Faldeus."

"Mas este é mesmo o lugar?" Respondeu Faldeus, cético apesar das advertências de seu mentor. "O sistema subjacente à Guerra do Santo Graal foi construído pelos Einzberns e os Makiri. Não deveria que ser nas terras que o Tohsaka ofereceu? Alguém realmente poderia ter replicado seu sistema... de sete décadas atrás?"

"Se este é mesmo o lugar... ah, sim. No pior dos cenários, é possível que este lugar tenha sido construído unicamente por causa da Guerra do Santo Graal."

"Não pode ser!"

"Acalme-se, isso era apenas uma possibilidade. Afinal, dizem que as três famílias fundadoras fizeram de tudo para alcançar o Graal. Em todo caso, ainda temos que aprender quem está tentando recriar a Guerra do Santo Graal nesta cidade, Faldeus. Não me surpreenderia se o criminoso tivesse alguma relação com os Einzberns ou com os Makiri... Um dos Tohsaka está na Torre do Relógio, então duvido que seja obra deles."

O velho mago voltou aos seus binóculos, deixando aberta a possibilidade das famílias fundadoras estarem envolvidas.

Era talvez uma hora antes da meia-noite e as luzes da cidade ainda estavam quase tão brilhantes como sempre. Snowfield ia de encontro ao céu nublado da noite, vangloriando-se de sua própria existência.

Depois de examinar a área por alguns minutos, o velho mago se preparou para lançar uma magia, como se fosse a única coisa a ser feita. Isso tornaria seus binóculos capazes de ver o fluxo e refluxo das linhas espirituais.

O aprendiz olhou para trás e perguntou humildemente “Se uma verdadeira Guerra do Santo Graal realmente acontecer, nem nós da Associação nem os devotos da Igreja ficaríamos quietos...?

“De fato... mas só houve presságios até agora. Lá na Torre do Relógio, Lord El-Melloi disse que havia irregularidades nas linhas espirituais, mas... Bem, essa era apenas uma hipótese grosseira de sua parte, para não falar do seu aprendiz. Por isso, agora estamos aqui nesta terra, a fim de verificar as previsões de El-Melloi.”

Exausto, o velho mago riu.

Com uma mistura de irritação e desprezo permeando sua voz, ele falou e falou muito, talvez para o seu discípulo, ou talvez para si mesmo.

“Claro, nenhum Espírito Heroico pode ser convocado a menos que os preparativos para um Santo Graal já tenham sido feitos. Se um Espírito Heroico for realmente convocado, nossas dúvidas serão imediatamente descartadas... mas eu preferiria que isso não acontecesse.”

“É uma surpresa ouvir isso vindo de você, senhor.”

“Falo por mim mesmo, realmente espero que os rumores que cercam esta terra não sejam nada além disso. E se alguma coisa se materializar aqui, eu gostaria que fosse um falso Santo Graal.”

“Isso não contradiz o que disse antes? Que o Santo Graal é o verdadeiro desejo de todos os magos e um meio para o propósito final...?”

“Bem... Suponho que sim,” Ele respondeu, franzindo a sobrancelha. “Mas mesmo se, hipoteticamente falando, aqui houver algo digno de ser chamado de Santo Graal, eu diria que estão enganados! Seria doloroso ver o Graal em um país tão pouca história... Estou certo de que muitos magos fariam qualquer coisa para alcançar a Raiz, mas, para ser franco, eu não faria. Se eu chegasse à Raiz dessa forma... seria como um garoto mal-educado, enlameando meu quarto com os sapatos sujos. Eu não faria assim.” Ele sacudiu a cabeça exasperadamente.

“É mesmo?”

Pela enésima vez naquele dia, o velho mago suspirou pelo seu aprendiz. “Em todo caso”, o velho se perguntava em voz alta, mudando o tópico da conversa, “nesta nova terra, eu tenho que me perguntar... que tipo de servos poderiam ser convocados?”

"De fato. Deixando de lado Assassin, as identidades das outras cinco classes dependem inteiramente de seus invocadores, então realmente não temos como prever o que pode acontecer."

Incapaz de conter sua insatisfação com Faldeus, o mago repreendeu-o severamente: "Se você deixar Assassino de lado, há seis classes restantes, seu tolo! Não faz dois minutos que te falei dos sete servos! Basta com a sua estupidez!

Cada Espírito Heroico convocado para a Guerra do Santo Graal é colocado em uma das sete classes.

Saber.

Archer.

Lancer.

Rider.

Caster.

Assassin.

Berserker.

Os Espíritos Heroicos são convocados em classes que se adequem com suas várias características especiais, aprimorando suas habilidades ainda mais. Um Herói da espada pode ser convocado como Saber. Um herói habilidoso com a lança como Lancer.

Revelar seu verdadeiro nome equivale a transmitir suas fraquezas e habilidades especiais. Sendo assim, normalmente se refere aos Servos por seus nomes de classe. Cada classe também é dotada de habilidades, cada uma capaz de influenciar o combate de maneira distinta.

Por exemplo, Caster tem o poder de Bounded Field Creation[1], enquanto Assassin tem a habilidade Presence Concealment[2].

Em certo sentido, as várias classes são como peças de xadrez, cada uma com uma habilidade distinta.

[1] Criação de campos limitados.
[2] Ocultação de presença.

Mas cada jogador tem apenas uma peça. O tabuleiro de xadrez é irregular, projetado para uma batalha real. E cada peça tem a chance de controlar o tabuleiro, desde que seu jogador — seu Mestre — seja forte o suficiente.

Foi este princípio fundamental da Guerra do Santo Graal que Faldeus tinha confundido. Seu mentor lamentou que ter um discípulo tão indigno, mas—

Faldeus permaneceu inalterado, apesar de ter sido repreendido.

Ele não tinha ignorado as palavras de seu mentor, nem parecia estar refletindo sobre seus erros. “Não, há seis classes no total, Mister Rohngall.” Ele disse com uma voz suave e firme.

“...O que?”

De repente, um arrepio correu pela espinha do velho mago, Rohngall.

Esta era a primeira vez que Faldeus se referia a ele pelo nome.

Ele queria gritar com Faldeus. Para lhe perguntar o que estava passando pela cabeça — mas o olhar gelado de Faldeus o deteve. Rohngall ficou em silêncio.

O rosto sem emoção de Faldeus se contraiu. “Na Guerra do Santo Graal travada no Japão, certamente havia sete classes,” ele disse, apontando friamente o erro de seu mentor “mas nesta cidade, há apenas seis. A classe Saber — a mais forte e mais adequada para a batalha — não existe nesta falsa Guerra do Santo Graal.”

“Do que você está falando?”

Algo *rangeu* em sua espinha dorsal.

Seus Circuitos Mágicos, seus nervos e seus vasos sanguíneos transmitiam um sinal de alerta, fazendo com que um alarme tocasse em seus ouvidos.

Seu aprendiz — ou, pelo menos, o homem que deveria ser seu aprendiz até poucos minutos atrás — deu um passo na direção dele. “O sistema criado pelos Makiri, Einzberns e Tohsaka foi realmente incrível,” ele disse em uma voz sem emoção “é por isso que não conseguimos copiá-lo perfeitamente. Nós gostaríamos de começar a guerra com uma

cópia exata... mas usamos a Terceira Guerra do Santo Graal como nosso modelo, e isso era uma verdadeira bagunça, entende. É realmente uma pena."

Faldeus claramente parecia que não estava além dos seus vinte e poucos anos e, no entanto, estava narrando eventos de mais de 70 anos atrás, como se os tivesse visto pessoalmente.

No momento em que sua expressão ia se tornar sinistra, os cantos de seus lábios contorceram, como se puxados por linhas invisíveis. Ainda frio, ele falou do fundo de seu coração.

"Você se referiu à minha nação como 'jovem'. Mas essa é mais uma razão para você se lembrar, velho."

"...O quê?"

"Que você não deve subestimar uma jovem nação."

crunch crik crak creak crack crik crunch

Cada um dos ossos e músculos de Rohngall rangeram. Talvez fosse porque ele estava em guarda, ou talvez estivesse apenas indignado.

"Você miserável... quem... é você?"

"Eu sou Faldeus, é claro, velho amigo. Claro, a única coisa que você *realmente* sabe sobre mim é o meu nome. Enfim, realmente aprendi um pouco mais sobre a Associação. Suponho que devo te agradecer por isso.

"....."

Com base em sua vasta experiência como mago, Rohngall soube imediatamente que o homem que estava diante dele já não era seu aprendiz, era um inimigo.

Rohngall se preparou para matar Faldeus no instante em que seu conhecido de longa data fez um movimento. E, no entanto, o alarme continuava a soar na sua cabeça.

Ele deveria saber com precisão o quão capaz era um mago como Faldeus.

Não havia sinais de que Faldeus estivesse escondendo sua força. Como um espião experiente da Associação, ele poderia ter certeza disso.

Ao mesmo tempo, porém, sua experiência como espião deixou claro que ele estava em uma situação perigosa.

"Então você deve ser um espião de outra organização, enviado para se infiltrar na Associação. Tem sido um espião desde que me disse ter me procurado para se tornar um mago."

"*Outra* organização?" Com uma voz pegajosa e melosa, Faldeus corrigiu Rohngall. "A Associação parece ter a impressão de que um grupo de magos heterodoxos não-associados é responsável pela criação desta Guerra do Santo Graal, mas... quero dizer, honestamente, como poderia... bem, não importa."

Como se para indicar que não havia mais nada a ser dito, Faldeus deu um passo em frente.

Ele não era particularmente ameaçador, nem se apresentava como um inimigo, mas era claro que estava planejando alguma coisa. Rohngall apertou os dentes e baixou suavemente o centro de gravidade, se preparou para responder ao que Faldeus pudesse fazer.

"Não me subestime, criança."

Enquanto falava, preparou um plano para dar o primeiro passo nesse duelo de magos — mas ele já havia perdido.

Quando eles começaram a tentar enganar um ao outro como magos, Rohngall já havia sido derrotado pelo homem diante dele—

"Não estou subestimando você, *sir*."

—pois Faldeus não tinha planejado lutar com ele como um mago, em primeiro lugar.

"Vou te atingir com tudo o que tenho."

Faldeus acendeu o isqueiro que estava segurando em uma das mãos. Um charuto apareceu de repente em sua outra mão, que estava vazia até então.

Parecia uma aparição, mas não havia sinais de que ele tivesse usado qualquer energia mágica.

Vendo que Rohngall estava intrigado com suas ações, ele sorriu. Era um sorriso do próprio núcleo do seu ser, um sorriso do tipo que Rohngall nunca tinha visto. Ele continuou “Haha, isso foi apenas uma ilusão — um truque. Não foi magia.”

“.....?”

“Ah, bem, entenda, nós não somos realmente uma organização de magos, especificamente. Espero que não esteja muito desapontado.” Disse Faldeus, sem um traço de tensão em sua voz. Ele acendeu seu charuto. “Me submeto apenas aos Estados Unidos da América. Apenas ocorreu de termos alguns magos entre nós; Isso é tudo.”

Rohngall ficou em silêncio por alguns momentos, e então ele respondeu. “—Entendo. Agora diga, o que esse charuto tem a ver com ‘tudo que tem’?”

Rohngall estava tentando ganhar tempo para preparar sua magia. Mas no instante em que falou aquelas palavras—

Algo estourou pelo lado da sua cabeça. Tudo foi decidido em um instante.

Era uma estouro úmido e borbulhante.

A bala desacelerou quando atravessou seu crânio. Chumbo espalhado por toda parte, nadando em um mar de fluido cerebral que esgotava sua mente.

Em vez de sair pelo outro lado do crânio, a bala ricocheteou pelo seu cérebro, dando um fim instantâneo e permanente para o velho.

E então — embora ele estivesse aparentemente morto, outras dezenas de balas perfuraram seu corpo, como se para dar um golpe final.

As balas não foram disparadas de um só lugar. Devia ter mais de uma dúzia de atiradores situados em vários locais.

Isso era claramente um exagero. Que maneira inflexível de destruir.

Seus membros envelhecidos dobrados e amassados impotentemente, como uma marionete forçada a dançar rap.

“Obrigado pela dança. Isso foi muito engraçado.”

O corpo de Rohngall respingou vermelho ao cair no chão, sufocando. Faldeus olhou para o cadáver fresco e bateu palmas lentamente. “Você parece trinta anos mais jovem agora, Mister Rohngall.”

Alguns minutos mais tarde—

Faldeus parou diante do corpo de seu mentor, caído em uma poça de seu próprio sangue.

Mas a floresta ao redor tinha mudado. Havia uma atmosfera estranha em torno dele.

Dezenas de homens vestidos com roupas de camuflagem saíram da floresta por trás de Faldeus.

Cada um deles usava um capuz preto e um rifle de assalto silencioso, cada um com um design diferente — rústico, mas detalhado.

Dificilmente se poderia discernir suas raças, muito menos suas emoções. Um deles se endireitou e caminhou até Faldeus, dando uma saudação enquanto falava. “Reportando, senhor. A situação não se alterou. Não encontramos nada fora do comum.”

“Bom trabalho cara” respondeu Faldeus. Enquanto seu subordinado falava formalmente, a voz de Faldeus era aconchegante.

Ele se aproximou do cadáver do velho mago, olhando para ele com um sorriso fraco em seu rosto.

Ainda se afastando de seus subordinados, ele disse “Bom, então... visto que muitos de vocês provavelmente não estão familiarizados com esses tais “magos”, deixe lhes dar uma introdução.”

Os homens uniformizados já haviam entrado em formação atrás dele. Em silêncio, ouviram Faldeus falar.

“Um mago *não* é um feiticeiro. Não confunda sua imaginação com criaturas de conto de fadas e feras lendárias. Pensem em... ah, é isso —

pensem como se fosse um anime japonês ou um filme de Hollywood. Isso se encaixa mais com eles."

Ele se agachou diante do corpo do que outrora era seu mentor, agarrou um pedaço dele e o levantou no ar com suas mãos nuas.

Era uma visão bizarra, mas ninguém levantou uma sobrancelha.

"Eles morrem quando são mortos e os ataques físicos são razoavelmente eficazes contra eles. Agora, há alguns que se cobrem com um véu de mercúrio, forte o suficiente para desviar milhares de balas. Há outros que podem transferir sua consciência e estender suas vidas com a ajuda de insetos embutidos em seus corpos. Mas... bem, o primeiro tipo não tem defesa contra um rifle antitanque, enquanto o último tipo provavelmente não sobreviveria a um ataque de mísseis de precisão."

Eles podem ter imaginado que Faldeus estava brincando. Os homens camuflados se esforçaram para suprimir seus risos.

Mas — no momento em que ouviram a próxima coisa que Faldeus tinha a dizer, todos ficaram em silêncio.

"Há exceções, entretanto... Por exemplo, este sujeito, que nem mesmo estava aqui para começar."

"...poderia pedir elaborar isso de uma maneira mais compreensível, Sr. Faldeus?" Perguntou um dos atiradores, sempre formalmente. Faldeus riu e jogou um pedaço da carne do cadáver para ele.

Ele a pegou com frieza. Olhou para o pedaço de carne, provavelmente parte de um dedo, e ofegou surpreso. "...o qu—?"

Sob a iluminação de sua lanterna, estava claro que o osso branco se projetava dos nervos vermelhos da carne.

Mas havia algo errado. Algo diferente da carne de um autêntico ser humano.

Fios transparentes, não tão diferentes de cabos de fibra óptica, se estendiam para fora da carne de uma forma perturbadora.

"Um cyborg? Bem, nós chamamos isso de marionete. O senhor Rohngall é um investigador terrivelmente cauteloso. Ele não é tão tolo como para vir até aqui com seu corpo real. No momento, ele provavelmente está em um dos ramos da Associação, ou em seu próprio ateliê. Aposto que ele está furioso agora!"

"Uma marionete...? Isso é absurdo!"

"É uma técnica espetacular, mas note que ele não foi capaz de fazê-lo parecer perfeitamente humano. A forma de um homem velho funciona bem para ocultar essas imperfeições, suponho. Ouvi dizer que há um mestre de marionetes cujas marionetes são totalmente indistinguíveis dos corpos em que foram modelados... eles até mesmo conseguem enganar um teste de DNA." Faldeus falou e falou, soando desinteressado, como se não estivesse envolvido.

O soldado franziu o cenho. "Nesse caso, ele não teria ouvido tudo o que você disse antes?" Ele perguntou a Faldeus, seu oficial comandante.

"Ele ouviu. Assim como planejado."

"Er...?"

"Eu me dei ao trabalho de me vangloriar como um tolo antes de matá-lo *precisamente* para garantir que a Associação saberia de tudo o que eu disse." Faldeus estava em cima do corpo falso, deitado em uma piscina de sangue falso, e olhou para o céu escuro que começava a chuviscar. Contente, murmurou: "Considere isso um aviso... nossa advertência aos magos."

E isso marcou o início—

O início do banquete de homens e Espíritos Heroicos. O início da falsa Guerra do Santo Graal.

ACT1 アーチャー

Ato 1: Archer

Ele era verdadeiramente um mago, em todos os aspectos—

No entanto, ele tinha estagnado, em todos os aspectos.

A falsa Guerra do Santo Graal.

Ele sabia que se tratava de uma imitação do ritual, outrora realizado em uma ilha do Extremo Oriente. Isso não o incomodava.

—— Isso não importa.

—— Talvez seja uma farsa ou uma falsificação. Mesmo que seja, no entanto, isso não importa. Contanto que produza os mesmos resultados que o original, será suficiente.

Nenhum mago orgulhoso dependeria do fruto do trabalho de outra pessoa. Tal mago escolheria, em vez disso, construir um sistema próprio, assim como as três famílias fundadoras criaram a Guerra do Santo Graal. No entanto, ele foi rápido para seguir os passos dos outros. Dirigir ou seguir — ambas as opções eram razoáveis, em certo sentido.

Desde o início dessa mera imitação da Guerra do Santo Graal, não havia ninguém tão determinado, em todos os aspectos, quanto ele. Ninguém tão entusiasmado quanto ele.

Desde o início, ele estava preparado para qualquer coisa que viesse a ocorrer quando veio para Snowfield.

Quando ouviu pela primeira vez os rumores, debochou deles como meras fofocas. Então, um relatório emitido por Rohngall enviou tremores

através da Associação. A notícia se espalhou de mago em mago até que o alcançou.

Ele era de uma família de reputação não insignificante entre magos, mas o poder de sua linhagem estava em declínio. Como chefe de família, estava sob pressão.

Ele havia formulado sua parte de teorias mágicas durante seu tempo. Era um homem inteligente. Conhecia várias técnicas. Tudo o que lhe faltava era poder puro, do tipo que deveria ter sido construído ao longo de muitas gerações. Isso o levou a uma frustração cada vez maior.

O normal a se fazer nesta situação seria passar muitos anos pesquisando maneiras de aumentar o poder de sua família e, em seguida, passar esse conhecimento, juntamente com seu Magic Crest, para um descendente suficientemente capaz.

Mas ele estava com pressa.

Seu filho era ainda mais incapaz com a magia do que ele.

Haviam muitas famílias cuja natureza mágica se tornava mais e mais fraca ao longo do tempo, até perder completamente o contato com o mundo da magia.

—— Isso não é motivo para rir.

—— *Não* vou me rebaixar como os Makiri.

Como qualquer outra organização ou corporação, a Associação estava repleta de obstáculos.

Somente um mago de uma linhagem poderosa poderia possuir um método para produzir sucessores poderosos e prósperos.

Era um beco sem saída. Ele era um mago, em todos os aspectos, e mesmo assim, não era suficiente.

Ele apostou tudo na talvez-falsa Guerra do Santo Graal, veio para Snowfield e colocou todas as suas fichas na mesa.

Todos os seus bens, todo o seu passado, até mesmo o seu futuro.

—— Não tenho nada a temer. Tudo correrá bem.

Para demonstrar sua determinação, ele exterminou seu filho. Seu filho que não tinha futuro.

Ele fez o mesmo com sua esposa, que tentou detê-lo.

Ele não sentia nada por ela, uma mulher que não podia oferecer uma descendência próspera.

Mesmo assim, ele achou chocante que ela não entendeu nada do que significava se respeitar como um mago.

Deve ter sido culpa dela que seu filho era fraco.

Alas, a melhor mulher que poderia obter na sua atual posição.

Para subir na vida, ele tinha que ganhar esta guerra.

Mesmo que este Santo Graal fosse uma falsificação, o mero ato de ganhar uma Guerra do Santo Graal bastaria para melhorar sua posição como mago. Ele poderia até encontrar um caminho para a Raiz ao vencer esta guerra.

Ou talvez pudesse aprender os segredos dos Makiri e dos Einzberns.

Não importa o que, ele estava destinado a estar em uma posição melhor no final desta guerra.

Era um esplêndido apostador.

Pelo menos, ele colheria uma recompensa mais valiosa do que todas as coisas que ele arriscava ao entrar na guerra.

Ele pensou em todas as maneiras de se beneficiar dessa guerra — mas nunca considerou a possibilidade de sua derrota e o fim da sua linhagem.

Havia uma boa razão para que não considerasse a possibilidade.

Ele tinha uma sólida chance de vencer.

Ou pelo menos, tinha uma chance boa o suficiente para justificar ter acabado com seu filho.

—— Então... estes são os Selos de Comando, devo aceitá-los?

Eles eram um pouco diferentes do que esperava.

Mesmo assim, ele olhou para a mão direita, um sorriso amoroso preso ao seu rosto como se estivesse olhando para o seu próprio bebê.

O selo tomou a forma de correntes entrelaçadas e serviu como a prova que tinha sido selecionado como mestre nesta guerra do Santo Graal.

—— Mas se isto apareceu....

—— Então o Graal me reconheceu! Eu! Como um mestre!

—— Como aquele que deve controlar esse Espírito Heroico!

Enquanto falava, o homem olhou para o pacote ao lado dele—

E então, ele riu.

Ele riu. Ele riu. Ele riu.

Um ravina grande, norte de Snowfield.

Na cadeia de montanhas perto do penhasco avermelhado, havia um conjunto de cavernas.

Embora as cavernas fossem originalmente formadas por processos naturais, agora serviam como atelier do mago. Ele havia estabelecido um Bounded Field para impedir que outros se aproximassem.

Uma lâmpada iluminou o espaço ao redor do mago. Pegou o embrulho e retirou um objeto cuidadosamente e com respeito.

Era—uma chave.

No entanto, não seria apropriado descrevê-la como uma mera chave.

Era extremamente ornamentada, com o comprimento e peso de uma pequena faca de combate.

Lhe parecia que as joias que a ornamentavam eram extremamente valiosas, tanto magicamente quanto monetariamente.

—— Ouvi dizer que foi convocado em uma Guerra do Santo Graal anterior usando uma serpente fossilizada....

—— E usando esta relíquia, não há dúvida de que vou convocá-lo.

Há um tempo atrás — quando sua família ainda era poderosa — um de seus ancestrais apostou tudo para obter essa chave, assim como ele acabou de fazer.

O que seu ancestral buscava era o tesouro da cidade dourada, que dizia abrigar todas as coisas que existem no mundo. Essa chave era o dispositivo que abriria as portas para a cidade da lenda.

Ele não tinha nenhum interesse na riqueza material. No entanto, um tesouro que continha todos os possíveis artefatos mágicos era algo que não podia ignorar.

Esse antepassado conseguiu verificar que a chave era genuína, mas não fez mais nenhum progresso. Ele nunca encontrou o tesouro. A chave estava impregnada de alguma energia mágica de origem desconhecida, mas isso não importava para neste momento.

Era uma relíquia pertencente ao Espírito Heroico que desejava. A chave serviria como um catalisador, tudo para assegurar que alcançaria o Servo que buscava.

—— A hora chegou.

—— Vamos começar.

O mago se levantou — e seu sorriso desapareceu abruptamente. Deixou de lado suas emoções e seus desejos egoístas, concentrando toda sua atenção na cerimônia que devia conduzir.

Unificou todos os seus sentidos, focalizando em um ponto e selando os que eram desnecessários.

Seus nervos, seus vasos sanguíneos, e os Circuitos Mágicos invisíveis que percorriam seu corpo.

Ele sentiu um líquido quente correr por esses caminhos e —

O mago proferiu uma invocação, tanto uma felicitação à si mesmo como uma maldição contra o universo.

Alguns minutos atrás.

Ele perdeu a vida e tudo o que havia sacrificado por essa guerra.

A linhagem de magos a que pertencia tinha chegado ao fim.

Tudo aconteceu em uma fração de segundo. Uma mera fração de segundo.

Depois de uma batalha de poucos segundos, ele encontrou seu fim.

× ×

“Eu fiz isso.... Ha ha, ha ha ha ha ha! Eu consegui!”

Quando o mago *o viu* diante dele, não pôde ficar em silêncio.

Não havia necessidade de determinar o verdadeiro nome do ser.

Desde o início, ele sabia quem ele iria invocar.

Ele mal conseguiu suprimir um riso. Por alguns segundos, ele ficou ali parado, ignorando o Espírito Heroico.

O semblante do Espírito Heroico estava obviamente insatisfeito. No entanto, ele cumpriu seu dever como um Espírito Heroico. Claro, não há como dizer via isso como um “dever” em primeiro lugar.

“...Me responda. Você é o mago insolente que ousa convocar um rei em toda a sua glória?”

Ele tinha cabelos dourados e uma armadura dourada.

Como um servo, ele esbanjava uma magnificência incomparável. Sua pergunta ao mago foi feita com desprezo.

O mago ficou desanimado quando ouviu a pergunta do Servo. Embora pudesse sentir o enorme poder esmagador do ser antes dele, sentiu uma pontada de raiva.

—— Como se atreve um simples servo ser tão impertinente!

Seu orgulho como um mago trepidava. No entanto, uma dor nos Selos de Comando em sua mão direita o trouxe de volta.

—— ...Que assim seja. Dada a personalidade deste Herói, eu deveria esperar por isso.

Logo no início, ele teria que deixar sua relação clara.

Nesta guerra, ele estaria no comando. O Espírito Heroico que invocou como Servo era apenas um instrumento.

—— Sim. Isso mesmo. Eu sou seu mestre.

Preparou-se para dar sua resposta à pergunta do Servo, estendendo sua mão direita para a frente para exibir os Selos de Comando—

Foi quando ele percebeu que sua mão direita tinha desaparecido.

"...Hã? O quê?"

Ele estava sem palavras. Seus balbucios ecoaram por toda a caverna.

Embora nem uma gota de sangue tivesse caído de seu corpo, sua mão direita tinha claramente desaparecido.

Em pânico, ergueu o pulso até o rosto. O cheiro forte de carne queimada enchia sua cavidade nasal.

Pequenos fios de fumaça subiam do coto do pulso. Claramente, sua mão tinha sido cortada com algum tipo de chama.

No momento em que ele tomou consciência disso, uma onda de dor atravessou seu sistema nervoso e —

"Hiii gAA- giiiiiii gaAAAAAaAAAAaaA! AAaaaAAAAAAaaaaaaaaa!"

Um grito — um grito — um grito incontrolável.

Ele gritou com toda a força, soando como um enorme inseto. Percebendo isso, o Espírito Heroico, parecendo entediado, disse: "Então, você é um palhaço? Sendo assim, divirta-me com gritos mais elegantes. Esses não bastam."

O Servo nem sequer levantou uma sobrancelha, orgulhoso como sempre. Parece que ele não era responsável pelo desaparecimento da mão direita do mago.

"HiaAAA, HYaa, hiiiiAaaAAAaa!"

Diante desse acontecimento incompreensível, o mago estava prestes a perder o controle de si mesmo — mas como um mago, ele não podia permitir que isso acontecesse. Se forçou a se acalmar e rapidamente se recompôs.

—— Há alguém... dentro do Bounded Field!

—— Como pude permitir que isso acontecesse? Que imprudência da minha parte!

Em circunstâncias normais, ele poderia ter sentido qualquer intruso no momento em que entrasse nessas cavernas, uma vez que este era seu ateliê. No entanto, ele tinha deixado sua guarda baixa, enquanto estava focado em convocar seu servo. O intruso poderia entrar sem ser notado enquanto as cavernas estavam repletas de energia mágica do Espírito Heroico.

Mesmo assim, havia outras armadilhas criadas para dar suporte ao Bounded Field. Nenhuma das armadilhas tinha sido ativada. Se o intruso conseguisse desativar todas as armadilhas que estavam em seu caminho, teria que ser bastante cauteloso ao lidar com eles. Isso estava claro.

Enquanto reconstituía magicamente o que restava da sua mão direita, ele encarou a presença que agora sentia — em direção ao túnel que saía da caverna — e gritou: “Quem é você?! Como conseguiu ultrapassar meu Bounded Field?!”

E então... uma resposta veio imediatamente, saindo das trevas da caverna.

No entanto, a resposta não foi para o mago, mas sim para o servo dourado: “Ó rei poderoso, sua humilde serva implora permissão para se apresentar diante de ti.”

O Servo pensou por um segundo e respondeu, arrogantemente: “Pois bem. Eu lhe concedo a licença para testemunhar minha glória.”

“...Sou muito grata por este privilégio, Sua Majestade.” Sua voz era clara — imaculada. Estava desprovida de emoção, como se rejeitasse tudo o que era.

Ela emergiu da sombra de uma rocha — e embora sua voz já desse a impressão de que era jovem, ela era ainda mais jovem do que sua voz

sugeria — talvez doze anos de idade. Sua pele era marrom escura, e seu cabelo era preto lustroso.

Vestida em sua elegante roupa cerimonial, decorosa em todos os sentidos, ela era como uma criança de educação nobre. Embora seu rosto fosse formoso, o que se destacava com seu vestido, a expressão que carregava era bem menos resplandecente.

Ela humildemente deu um passo para dentro do ateliê e se curvou profundamente diante do altar em cima do qual estava o Espírito Heroico. Então, sem se importar com a sujeira no chão, ela caiu de joelhos.

“O qu...” O mago sufocou um grito de raiva. Incapaz de discernir o quão forte era a garota, não podia se dar ao luxo de agir precipitadamente. Enquanto isso, a garota não deu atenção ao mago.

O Espírito Heroico não se surpreendeu com a postura deferente da garota. Ele olhou para ela e falou, com grande poder transparecendo a cada palavra. “Você fez bem em não derramar o sangue de um impuro na minha presença. No entanto, o ar agora está repleto por um odor duradouro de carne. Se deseja me dar uma explicação para essa indiscrição, faça-o agora.”

A moça olhou rapidamente para o mago.

“Eu imploro seu perdão, Sua Majestade. Achei oportuno punir este ladrão por ter roubado a chave para o teu tesouro, pois ele era indigno de enfrentar a justiça por tuas mãos.” Ela respondeu, ainda ajoelhada.

Enquanto ela falava, apresentou um pedaço de carne humana.

Certamente, isto era parte do corpo do mago e estava magicamente conectada ao Espírito Heroico em virtude dos Selos de Comando inscritos nele. Era, em outras palavras, a mão direita do mago.

O Espírito Heroico assentiu com a resposta da garota. Olhou para baixo e viu a chave, colocada em um pedestal aos seus pés. Ele a pegou — e então a descartou sem interesse.

“Esta chave é uma frivolidade. Não existe um só homem na totalidade do meu jardim que ousasse pôr a mão sobre um dos meus tesouros. Embora eu tenha ordenado que essa chave fosse criada, não precisava dela, então a descartei.”

“...?!”

O mago estava proferindo um encantamento para amortecer a dor em seu pulso direito. Quando ouviu a declaração do Espírito Heroico, ficou chocado.

Um de seus antepassados tinha apostado tudo nas esperanças de alcançar a chave para aquele tesouro.

Esse artefato, o único orgulho de sua família, fora descartado como um pedaço de sujeira. E acima de tudo, por seu servo, um ser que deveria ser seu escravo, sua ferramenta.

Possuído por raiva, a dor em seu braço direito ficou dormente, mesmo quando ele parou o encantamento.

No entanto, como se para criar uma ferida fatal no mago, a menina de pele castanha se virou para olhar para ele e falou com uma voz intimidante. “Se Sua Majestade quiser que assim seja, não mais o enfrentarei. Peço que se retire agora.” Sua voz gotejava desprezo.

“O qu...”

“Se fizer isso, não terei que esmaga-lo.”

“____ _____” O mago ficou fora de si.

A fúria que se infiltrou dentro dele tomou o controle de seus Circuitos Mágicos. Ele nem sequer tinha capacidade para falar. Histericamente, liberou toda a energia mágica armazenada em sua mão esquerda.

Ele colocou toda a sua magia, sua loucura e seu poder em uma esfera de luz negra e a lançou para a garota com todas as suas forças. Ela rasgou o espaço em direção a garota, pronta para consumi-la — atingiu em cheio.

A menina deveria ter sido destruída por sua explosão de energia mágica antes que ela pudesse sequer piscar.

Mas isso não aconteceu.

“( )”

Um encanto silencioso.

Quando seus lábios se moveram, a magia começou a tomar forma em torno dela.

Quase imediatamente, uma imensa energia mágica irrompeu entre ela e o mago.

Era como um feitiço que tinha sido comprimido até ficar sem som — um encanto de poder esmagador.

E no último instante — o mago viu.

Uma enorme mandíbula ardente, talvez duas vezes maior que ele, apareceu na frente dela e engoliu toda a energia mágica que tinha liberado, e então —

—— Não pode ser.

Essa foi a última coisa que ele pensou.

Afinal, o que era isso que não poderia ser? Ele nem sequer teve tempo de pensar.

—— N-não pode... po-pode... não... p-pode ser.

Como mago, ele gostaria de pensar que, mesmo que morresse, sua linhagem continuaria viva... mas então, lembrou que apenas alguns dias antes havia matado seu futuro sucessor com suas próprias mãos.

—— Não pode ser! Não! Eu... vou... morrer? Aqui? Não p-pode...

—— Isso não nã————

————————.

E então, o mago desapareceu.

Ele perdeu a vida e tudo o que havia sacrificado por essa guerra.

A linhagem de magos a que pertencia tinha chegado ao fim.

Tudo aconteceu em uma fração de segundo. Uma mera fração de segundo.

Depois de uma batalha de poucos segundos, ele foi engolido por essas chamas. Ele encontrou o seu fim, simples assim.

“Eu imploro seu perdão por tê-lo submetido a uma visão tão indecorosa, Sua Majestade.”

Ela tinha acabado de matar um homem, mas não estava nervosa. Inclinou a cabeça diante do Espírito Heroico.

O servo dourado a olhou para dizer que não se importava. Então, em referência à magia que a garota usara, ele disse: “Entendo. Então, o teu povo governou esta terra na minha ausência.”

A magia que acabara de usar não se originou dentro de si mesma.

Era provável que tivesse explorado as linhas espirituais da terra.

Em reconhecimento a esse fato, emoções surgiram na face da garota pela primeira vez. Sua cabeça ainda se curvou, ela respondeu melancolicamente. “Nós não a governamos. Pelo contrário, vivemos em harmonia com ela. ...Assim como Sua Majestade supôs, meu povo não passa de meros plebeus uma vez que deixamos Snowfield.”

“Um impuro nunca será nada além de um impuro. Aqueles com magia não são diferentes daqueles que não tem.”

Sua arrogância sugeria que ele acreditava que assim eram todas as coisas, exceto por si mesmo. A garota não respondeu.

Os Selos de Comando que estavam na mão direita do mago já haviam migrado para sua própria mão direita.

A energia mágica que agora fluía para o Espírito Heroico, não vinha do mago, mas da garota. Enquanto observava isso, falava tão imponente como sempre — de alguma forma entediado, mas ao mesmo tempo infinitamente majestoso. “Muito bem. Mais uma vez, responda-me. Você é a mago insolente que ousa convocar um rei em toda a sua glória?”

O Espírito Heroico dourado.

O maior de todos os heróis. O homem que afirmava ser o rei de todos os reis —

A garota assentiu firmemente e se inclinou diante dele novamente.

× ×

"...Eu não procuro o Santo Graal", disse a menina calmamente, enquanto saíam da caverna.

Ela se identificara como Tiné Chelc. Como a Mestra do Servo dourado, ela era agora uma integrante da Guerra do Santo Graal.

No entanto, ela fez a contraditória declaração de que não desejava o Santo Graal. Elaborando seus verdadeiros objetivos, ela disse: "Queremos expulsar os magos que escolheram este lugar como o local de sua Guerra do Santo Graal, que têm tratado esta terra com desprezo. Essa é a extensão do nosso desejo, Majestade.

Ela declarou seu desejo de destruir a Guerra do Santo Graal sem o menor indício de dúvidas. O Espírito Heroico — o rei convocado para esta era como Servo da classe Archer — desinteressadamente respondeu: "Eu também não me importo com o Graal. Se for o verdadeiro Graal, punirei os malfeitores que roubaram meu tesouro. Se for um falso Graal, executarei os ingratos que realizaram este ritual."

"Suas palavras graciosas me dão força, Majestade," Ela agradeceu. Continuando, ela falou de seu povo: "Por mil anos minha tribo viveu em harmonia com a terra em que Snowfield foi construída. Nós até a protegemos contra os tiranos vindos do leste que procuravam governar este lugar. Mas, então, uma seita no governo uniu forças com aqueles magos miseráveis... e em apenas setenta anos, eles invadiram esta terra." Sua voz era grossa com uma mistura de raiva e tristeza.

Mas o Espírito Heroico não parecia se importar. "Que tolice. Não importa qual impuro reine supremo sobre esta terra mesquinha, ainda é uma parte de meu jardim e no fim retornará para mim. Normalmente, não me dignaria interpor em uma briga entre impuros... mas se ousarem pôr suas mãos em meus tesouros, isso seria um assunto diferente."

Como sempre, ele pensava apenas em si mesmo. E o que a garota fez sobre isso?

Ela não achou isso terrivelmente desagradável, nem particularmente surpreendente.

Ele agia como um rei em todos os momentos, assim ninguém poderia questionar sua realeza.

Seu orgulho inspirava uma pontada de algo como inveja nela. Ela se compôs e saiu da caverna.

Do lado de fora, talvez uma centena de pessoas com roupas negras estavam de prontidão, esperando seu retorno.

A maioria deles era de pele morena, como ela, mas havia também alguns brancos e negros entre eles.

Eles conduziam uma frota de veículos na borda do vale e cercaram a entrada para a caverna. Claramente, eles não estavam lá para fazer um trabalho honesto.

Eles puseram os olhos sobre a menina e o homem imponente ao lado dela e —

Em uníssono, reverentemente se ajoelharam diante da menina e do Espírito Heroico.

“Quem são estes vermes?”

Tiné também se ajoelhou diante dele antes de responder. “...Eles são simples membros da sociedade que procura reviver nossa tribo e derrotar os magos que se infiltraram na cidade, Sua Majestade. Eu sucedo meu pai como representante da sociedade. E assim, devo lutar nesta guerra.”

“Oh?”

Muitas pessoas ajoelharam diante dele em veneração. Talvez isso o lembrasse de como as coisas eram quando ainda estava vivo. Seus olhos se estreitaram ligeiramente quando ele a aprovou.

“Embora sejam impuros, parecem entender quem é digno de sua adoração.”

“Não nos atreveríamos a presenciar o esplendor de Vossa Majestade com algo além de profunda gratidão.

“Então, você deseja fazer uso da minha força para seus fins. Parece que você se preparou adequadamente para as batalhas que virão.”

“....”

Ela sabia que ela deveria ser honrada por esse comentário, mesmo assim estava desconfortável.

O rei estava claramente entediado e não se esforçava em ocultar.

E imediatamente, como para confirmar suas suspeitas, o Espírito Heroico falou: “Mas este Graal é, afinal, uma falsificação. Os outros invocados aqui são insignificantes. Ao subjuga-los não encontrarei descanso para esse tédio.”

Quando terminou de falar, pegou uma pequena garrafa.

Todo mundo que estava lá para testemunhá-lo lembraria com carinho sobre isso mais tarde. E o que era *aquilo*? Era uma distorção do espaço, da qual surgiu uma única garrafa que caiu diretamente na mão do Espírito Heroico.

Um jarro maravilhosamente ornamentado feito não se sabe do quê.

Talvez porcelana ou talvez cristal — era lustroso e translúcido. Algum tipo de líquido estava dentro dele.

“Se esta guerra for uma mera frivolidade para mim, é justo que eu a trate de acordo: como um jogo infantil. Não haverá necessidade de usar toda a força de minhas habilidades. Até que um inimigo digno de meu poder se apresente, gastarei meu tempo em lazer.”

Quando ele se retirava, abriu a jarra e estava a bebê-la em um único gole, quando —

De repente.

Com uma sincronização tão perfeita que deve ter sido provocado pelas maquinações do destino, ao invés do acaso —

A terra gritou.

[—— ——— —— ———— — — — — — —]

“““!?””””

Tiné e seus seguidores olharam para o céu.

Eles ouviram um poderoso rugido ao longe — com o poder de abalar o céu e a terra.

Mas era muito bonito para ser chamado de “rugido”. Era como se um anjo gigante ou algo do tipo, ou talvez até mesmo a própria Terra, estivesse cantando uma canção de ninar.

Eles podiam dizer que o som veio de longe, muito longe — das florestas que ficavam ao oeste de Snowfield.

Esse tremendo ruído, que ameaçou as próprias leis da física, era, por alguma razão, algo em que Tiné tinha fé.

Era como o primeiro grito de um recém-nascido e ao mesmo tempo—

Era certamente a voz de um servo absurdamente poderoso.

Archer também ficou imóvel ao ouvir aquela voz.

A jarra que tinha conjurado estava em seus lábios. Estava prestes a beber, quando parou — e foi então que o rei dourado exibiu uma emoção poderosa pela primeira vez.

Mesmo aqueles que haviam conhecido Archer durante algum tempo diriam que era raro vê-lo tão emocional. Esse rei entre todos os reis ficava rapidamente com raiva e de mal temperamento, mas pensar que ele poderia ficar neste estado.

“Essa voz... poderia ser?”

Seus olhos se iluminaram de surpresa, consternação, perplexidade — e então, alegria.

“...É você?”

Tiné notou que a poderosa aura do Espírito Heroico oscilou por um instante enquanto sussurrou aquelas palavras.

Mas, sem hesitar, Archer exalou arrogância mais uma vez, dominador como sempre. Ele estourou em um ataque de riso. O som de sua voz jubilosa penetrou o céu vasto, cada vez mais alto.

E então, depois de rir o bastante —

“Ha! Que sorte! Do que chamaria esse acontecimento se não uma prova da minha realeza?!”

Ele se encheu com prazer e vigor, como se não estivesse entediado alguns minutos atrás.

“Alegra-te, garota impura! Parece que terei oportunidade de usar toda a força de minhas habilidades nesta guerra!”

O rei dos heróis estava estranhamente falante, talvez porque estivesse cheio de alegria.

“Que prazer seria acabar tudo em um duelo naquele lugar... Mas, se ele foi chamado como um guerreiro enlouquecido, ou se... Não, não vou falar sobre isso. Este não é um assunto que os impuros devam ouvir.”

Estava de bom humor, incapaz de sufocar o riso, tão majestoso como sempre. Enquanto olhava na direção de onde vinha o rugido, falou com Tiné, que ainda se ajoelhava ao lado dele.

“Olhe para mim, Tiné.”

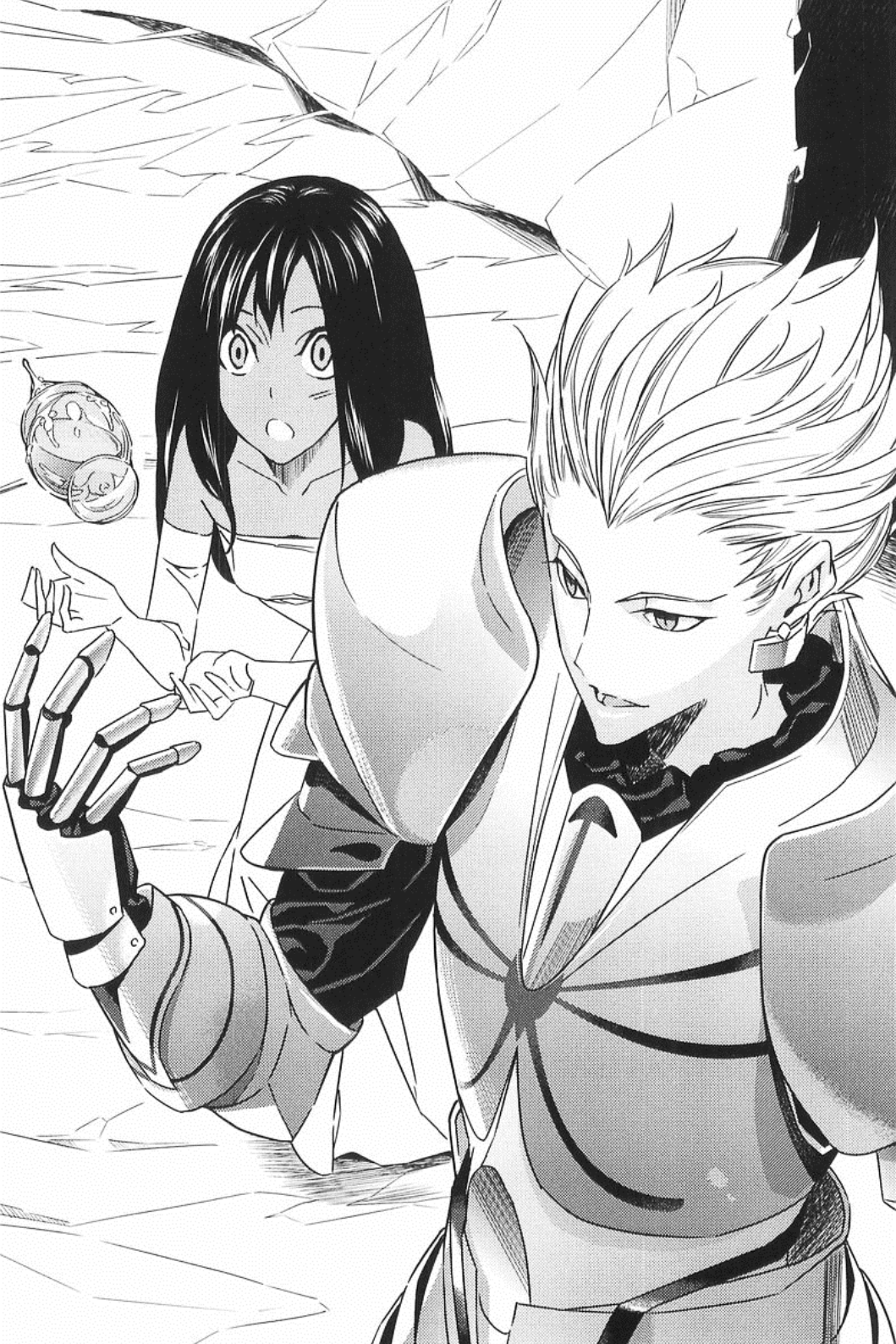
Chocada que o Espírito Heroico se referisse a ela pelo nome, Tiné levantou a cabeça para olhar para ele.

O rei lhe atirou a garrafa que estava segurando.

“É um elixir da juventude. Imagino que você não tenha necessidade disso na sua idade, mas agora que isso ocorreu, também não preciso mais disso. Esteja grata.”

“S-sim...? Sim, Sua Majestade!” Os olhos dela estavam arregalados de surpresa.

Archer olhou para ela por um momento antes de continuar. “Se você quiser se tornar minha serva, eu a comandarei” ele disse, majestoso. Embora prestasse pouca atenção a ela, Archer estava animado quando pronunciou sua ordem real. “Você é uma mera criança. Aja como uma. Até que aprenda os caminhos do mundo, para você bastará olhar com



júbilo meu poder imponente.” Embora houvesse um toque de sarcasmo em suas palavras, elas eram, no entanto, poderosas.

Ela tinha descartado todas as suas emoções por causa da sua tribo e mesmo assim, quando confrontada com estas palavras, ela vacilou.

De fato, *justamente* por ter descartado suas emoções, ela não podia fazer nada além de mostrar todo o seu respeito para ele. Ela era incapaz de jubilar, e assim que curvou sua cabeça.

“Tentarei fazê-lo, Majestade” ela disse se desculpando.

E assim — um Servo e seu Mestre pisaram no campo de batalha.

Gilgamesh, o Rei dos Heróis, junto com a garota cuja terra tinha sido roubada.

Embora eles soubessem que esta Guerra do Santo Graal fosse uma farsa, continuaram apostando tudo o que tinham.

A partir desse momento, o rei e a garota reinaram supremos.

Eles iriam lutar — para substituir as mentiras desta guerra com suas próprias verdades.

A batalha do rei tinha começado.

ACT2 バーサーカー

Ato 2: Berserker

Inglaterra — algum lugar em Londres.

A Torre do Relógio.

Para a maioria, esse termo se refere a um ponto turístico popular em Londres.

Para os magos, no entanto, significa algo completamente diferente.

É a sede da Associação que reúne inúmeros magos e, ao mesmo tempo, é a melhor instituição educacional para a formação de jovens magos.

Poderia muito bem ser chamado de Vaticano da magia. Tão antigo quanto a própria Inglaterra, produziu vários magos de primeira classe, cada um deles elevou a arte da magia a um novo nível.

“Porra....”

Uma palavra indigna daquela instituição austera ressoou pelos corredores.

“Você sabe o que você é? Resumindo, você é um imbecil.” Disse um homem de trinta e poucos anos se queixando com jovem que o encarava. Seus longos cabelos ondulavam na brisa enquanto reclamava.

Ele usava um casaco vermelho com ornamentos dourados nos ombros e seu rosto tinha uma expressão tremendamente azeda.

Mas aquele jovem desesperadamente respondeu—

“Ah, qual é! Pelo menos me descreva com três palavras!”

—uma resposta que estava um pouco errada.

“Você é um cretino e um imbecil. Não há outras palavras para descrevê-lo.”

O jovem ficou de pé, sem ser intimidado pelo homem severo.

“Mas eu realmente, verdadeiramente quero participar, mentor! Tenho que ir para os Estados Unidos para a Guerra do Santo Graal!”

“Tem merda nenhuma! Não saia por aí berrando isso nos corredores! Seu imbecil irrecuperável! Que merda... onde você ouviu isso? Não é um assunto secreto, mas certamente não é algo que um idiota insignificante devesse saber!” O mentor deu uma olhada no garoto insistente, verificando se não havia ninguém nos arredores.

Ele era um instrutor na associação, a instituição de ensino a mais nobre no mundo mágico e acima de tudo era conhecido como Lord El-Melloi II. Aparentemente, esse não era o seu verdadeiro nome, mas todos que o conheciam se referiam a ele como Lord El-Melloi II por respeito.

Embora ainda fosse jovem, foi considerado o melhor mentor na Torre do Relógio. Todos os alunos que o tiveram como mentor se tornaram magos de primeira classe. Seus alunos se tornaram famosos entre os magos do mundo por suas façanhas.

Como tal, ele ganhou o respeito de muitos magos, que lhe atribuíram vários apelidos, como “Mentor Carisma”, “Mestre V” e “Grande Big Ben ☆ Estrela de Londres”[1].

No entanto, ele não tinha grandes feitos em seu nome, e parecia um pouco irritado por seus alunos estarem roubando o centro das atenções.

Mas por enquanto, o que o irritava era especificamente o jovem que estava diante dele, que também era um dos seus aprendizes.

Em resposta à pergunta de seu mentor sobre a Guerra do Santo Graal, o jovem respondeu com indiferença: “Ontem, alguns mentores e

[1] Big Ben é o termo usado para se referir à Torre do Relógio londrina.

administradores da Associação estavam realizando uma reunião do conselho em uma das salas de aula do porão, certo? Conhece aquele famoso mestre-de-fantoches, Sr. Rohngall? Essa foi a primeira vez que o vi em carne!"

Ao ouvir a resposta de seu aluno, a expressão de El-Melloi ficou irreconhecível, talvez enfurecida. Ele agarrou o rosto do seu aluno e sibilou, "Por—que—diabos—você sabe o que aconteceu na reunião?"

"Eu estava um pouco curioso, então espiei!"

"Era uma reunião secreta, seu idiota! Eles devem ter criado dezenas de Bounded Fields!"

Ele desviou os olhos. "Er, bem, veja, sei que eu não deveria, mas estava realmente, realmente curioso..." Respondeu, pedindo desculpas.

"Então tive uma ideia, por que não tentar hackear o Bounded Field da própria sala? E sabe o quê, funcionou!"

—silêncio.

O uso da palavra "hackear" entre magos não era uma peculiaridade dele: seu uso era de fato bastante prevalecente entre os magos mais jovens. Suas ações atuais provavelmente não tinham nada a ver com hackear ou crackear. Presumivelmente, ele quis dizer que tinha se infiltrado no Bounded Field sem ser notado, entrou na reunião e espionou.

Flatt Escardos.

Ele era o mais antigo dos alunos de Lord El-Melloi II.

Embora estivesse sob a tutela de El-Melloi desde jovem, ele passou muitos anos na Torre do Relógio incapaz de graduar.

Para descrevê-lo em poucas palavras, apenas os insultos de El-Melloi eram apropriados.

No entanto, usando mais algumas palavras, seria justo descrevê-lo como um homem com ilimitado potencial mágico e talento. Um homem

que, no entanto, falta a capacidade de pôr esse talento para qualquer bom uso.

Ele era o filho mais velho da família Escardos, uma família que vivia na costa do Mar Mediterrâneo. Esperava-se que Flatt fosse um mago que tivesse Circuitos Mágicos como os que raramente são vistos, juntamente com o talento necessário para controlá-los, mas —

Infelizmente, seu talento mágico era inútil já que ele não tinha a disposição severa que é necessária para todos os magos.

No início, ele foi aclamado como um prodígio e estudou com vários outros mentores. Eventualmente, porém, todos eles começaram a desistir de Flatt e assim, por fim, ele foi designado para Lord El-Melloi II, pois não havia mais ninguém disponível.

Os anos se passaram. À medida que os talentos mágicos de Flatt se desenvolveram, ele passou a superar todos os outros alunos. Outros mentores foram incapazes de obter os mesmos resultados com seus aprendizes. Este era um bom sinal para a reputação do Mestre V.

Dito isto, Flatt tinha muitos outros problemas, por isso ainda estava na graduação da Torre do Relógio.

Normalmente, Lord El-Melloi II se recusava a ignorar os pontos fracos de um estudante, não querendo enviar um mago mal preparado para o mundo. Mas dessa vez e só desta vez, começou a lamentar ter feito tal escolha.

“Um idiota talentoso é o tipo mais perigoso de idiota...” disse Mestre V, calmamente.

O Mestre V tinha superado a raiva. Ele havia conseguido uma espécie de ascensão mística. Dito isto, ele parecia tão mal-humorado como de costume. Exausto com o aluno, falou: “Vou fingir que nunca ouvi nada disso. Agora pare de me perseguir com isso.”

“Não vou me incomodar, mentor! Eu só, você sabe, preciso de algum tipo de item para convocar um herói, certo?! Não sei como encontrar um desses! Se eu tivesse um retrato de Napoleão, eu poderia invocar Napoleão?! Um imperador seria bem legal!”

“Se eu fosse o Espírito Heroico do Napoleão, preferiria que você enfrentasse o pelotão de fuzilamento do que fazer um contrato com você!”

El-Melloi pensou em parar por aí, mas decidiu que não. Talvez porque alguma coisa sobre a Guerra do Santo Graal veio à mente, ele perguntou a Flatt uma questão séria. “...Flatt, você sabe... por que você quer o Santo Graal? Não consigo imaginar que você leve a magia tão a sério querer alcançar a Raiz. Te conhecendo, tenho que perguntar: você não está planejando graduar, ou quer me irritar por não deixar você se formar, ou qualquer coisa *tão* estúpida quanto, certo?”

El-Melloi estava completamente despreparado para a resposta de Flatt.

“Porque eu quero ver!”

“...o que?”

“Quero dizer, seria super legal! É o Santo Graal! Hitler e Gobbles queriam isso no Terceiro Reich! E Shi Huangdi e Nobunaga e Godzilla todos queriam ele também! Se ele realmente existe, só tenho que ver como se parece!”

“Seu nome era Goebbels, não Gobbles. Godzilla nunca procurou por isto. Eu não sei sobre Nobunaga ou Shi Huangdi, mas historicamente e culturalmente falando, isso simplesmente não parece certo.” El-Melloi corrigiu Flatt sobre pontos que não importavam, mas permaneceu em silêncio.

Flatt esperou um pouco para que seu mentor respondesse, esperando ser completamente repreendido. Eventualmente, El-Melloi suspirou, e calmamente disse: “Você entende o que uma guerra de mago contra mago realmente implica? Você pode muito bem experimentar coisas piores do que a morte e acabar morrendo de forma horrenda sem conseguir nada.”

“E as pessoas que sabem disso ainda procuram pelo Graal, certo? Agora quero vê-lo ainda mais!”

El-Melloi estava prestes a gritar com ele, lhe dizendo para pensar mais sobre isso—

—mas mesmo que *pensasse* mais, esse idiota provavelmente acabaria dizendo a mesma coisa.

Tendo chegado a essa conclusão, resolveu questionar Flatt de um ângulo diferente.

“Bem, me diga então: você tem o que é preciso para matar alguém pelo Graal?”

“Uh.... Se pudesse ganhar sem matar... tipo jogando xadrez, ou...”

“Brilhante! Se seu oponente fosse o Campeão Mundial de Xadrez, talvez funcionasse! Talvez pudessem ter uma partida de xadrez!”

“...Este é um problema complicado, hein. Realmente, realmente quero ver os outros heróis... e se funcionasse, quero fazer amizade com eles! Se ficasse amigo dos seis Heróis, eu seria um mago incrível! Poderíamos até mesmo conquistar o mundo!”

El-Melloi ficou em silêncio. Viu que Flatt desviou completamente da sua pergunta inicial em algum lugar ao longo da conversa.

Ele não planejava repreender Flatt, nem estava particularmente surpreso com suas divagações.

Ele pôs a mão no queixo e parecia estar pensando por um tempo —

Finalmente, voltou à realidade e disse: “...isso não está acontecendo.” Pondo um fim às fantasias de Flatt.

“Sim, sim, bem, eu estou contando com você, mentor! Ou, devo dizer, Grande Big Ben ☆ Estrela de Londres!”

“Não me chame disso na minha cara! E honestamente, por que você teve que escolher *este* apelido!? Está zombando de mim, não está? *Está* zombando de mim, seu retardado!”

“Bem, não se preocupe! Vou inventar um novo apelido para você. Vai ser perfeito! Como, hum, que tal ‘Mentor do Território Absoluto’[1]!?”

“Caia fora e morra!”

[1] Zettai ryōiki (Território Absoluto) se refere a parte das pernas que fica amostra entre a saia e as meias.

× ×

No fim, Flatt parecia claramente miserável depois de ter sido tratado com tanta frieza por El-Melloi. Ele perambulou pela ala acadêmica da Torre do Relógio. Caminhou por um longo corredor, humilhando de maneira imprópria um homem de quase 20 anos de idade.

E então—

“Ah, bom te ver.” Uma mulher gritou para ele do corredor.

Ela era uma das funcionárias administrativas da Torre do Relógio. Em suas mãos segurava uma grande caixa e um pequeno embrulho.

“Estes pacotes são para o seu mentor. Você poderia passar para ele?”

E assim, ela colocou os dois pacotes nas mãos de Flatt. Agora, ele teria que entregá-los ao Mestre V, mas...

—— Ah, cara, aposto que ele ainda está louco.

Flatt teve pensamentos negativos enquanto voltava pelo corredor quando se sentiu dominado pela curiosidade sobre o conteúdo da caixa. Usou a magia da clarividência para examinar seu conteúdo.

Ele viu uma pequena faca com uma aparência sinistra, provavelmente projetada para uso cerimonial.

E então, com seus penetrantes poderes de clarividência, viu um nome inscrito na lâmina. Uma sensação eletrificante percorreu seu corpo.

—— Poderia ser...!

—— Mentor...! **Você conseguiu isso para mim!?**

Dominado pela sua própria interpretação errada, ele saiu correndo, carregando a caixa com ele.

Havia vários símbolos no interior da caixa, mas eles não foram escritos de forma que ele pudesse ler. Presumivelmente, eram instruções mágicas de algum outro país ou algo assim.

Ele poderia descobrir como interpretar essas instruções alguma outra hora. Por enquanto, ele tinha um objetivo: chegar ao centro da ala acadêmica o mais rápido possível.

× ×

"Filho da mãe... ele já está aqui *de novo*?" Lord El-Melloi II claramente não estava satisfeito quando viu um certo alguém correndo pelo corredor em direção a ele. Porém, quando Flatt o alcançou com um pequeno pacote na mão, estranhamente começou a balbuciar sobre coisas que não tinham nada a ver com a Guerra do Santo Graal.

"M... mentor... você ... c... conseguiu... es... esta coisa... para... mim!" Flatt ofegou enquanto mostrava o pacote ao seu mentor. Tendo corrido uma centena de metros em um ritmo frenético, Flatt ficou sem fôlego rapidamente.

El-Melloi olhou para o pacote, no início estava inseguro sobre o que realmente era. Quando viu o endereço e a marca impressa no exterior, percebeu o que era e assentiu. "Então, você... o quê, você quer isso?"

Flatt assentiu furiosamente, como se estivesse em um show de rock.

"Bem, tudo bem. Se você quiser, pode tê-lo. Eu não precisava disso de qualquer maneira."

Ouvindo a resposta do seu mentor, Flatt brilhou de felicidade — a maior alegria na sua vida até agora.

"Muito obrigado! Quero dizer, muito obrigado mesmo! Estou tão contente por ser *seu* aprendiz, mentor!" Ele saiu correndo, quase chorando de alegria.

"Droga. Quando tinha a idade dele, eu era tudo que ele não é. Aposto que usou clarividência para dar uma olhada... O que havia lá dentro que ele queria tanto?" El-Melloi murmurou em voz baixa, exasperado.

Alguns minutos depois —

El-Melloi II havia retornado ao seu quarto. Enquanto pensava em seu pupilo incompetente, um armário chamou sua atenção.

Tinha uma fechadura dupla, com um componente físico e um mágico. El-Melloi desabotoou cuidadosamente as fechaduras e pegou o objeto dentro do armário.

Era um recipiente de aparência peculiar no qual descansava uma peça de roupa.

A seu ver, era uma antiguidade. Estava em decomposição e não tinha nenhum uso aparente.

No entanto, dado que era o objeto mais cuidadosamente guardado na sala, era evidente que não era apenas um pedaço de tecido esfarrapado.

“Ter os outros Servos como amigos e conquistar o mundo, hein...” Pensando nas divagações de Flatt, ele franziu o cenho.

“Se eu não pudesse detê-lo, estava pensando em deixá-lo ter isso... mas estou feliz que não tenha chegado a esse ponto.”

Ainda franzindo as sobrancelhas, El-Melloi II suspirou de alívio e voltou a colocar a tampa no estojo. Pensou no pacote que tinha deixado com Flatt.

“Suponho que não estou em posição de falar, mas eles realmente devem repensar esse sistema de ter estudantes mensageiros com o correio de outras pessoas. Não que fosse um pacote particularmente importante. Bem, de qualquer forma, se isso o forçar a esquecer a Guerra do Santo Graal, então é uma coisa boa.”

Alguns meses antes —

El-Melloi estava desfrutando de alguns videogames japoneses na privacidade de seu quarto. Toda vez que ele terminava de jogar, preenchia o cartão que vinha na caixa do jogo e anotava suas impressões. Era apenas a coisa certa a se fazer.

Claro, ele teve que pagar o postal internacional para enviar os cartões de volta ao Japão, mas o fez mesmo assim. Graças a isso, ele tinha

entrado em uma série de sorteios e assim, seu quarto estava cheio de todos os tipos de produtos do jogo.

Isso não quer dizer que preencheu os cartões para obter os produtos. Pelo contrário, ele tinha pouco interesse na maioria dos que recebeu. Ele realmente queria apenas repassar sua opinião para os designers dos jogos.

E então, alguns meses depois disso —

Se houvesse algum produto que El-Melloi realmente quisesse, ele simplesmente a ordenaria diretamente. Quando viu o nome do remetente — uma empresa japonesa — no pacote que Flatt lhe trouxera, percebeu que era apenas mais um produto bônus. Assim, ele nem se incomodou em abri-lo antes de deixar Flatt leva-lo.

Assim como El-Melloi suspeitava, não era nada mais do que um produto do jogo.

A julgar pelo nome da empresa, imaginou que era uma action figure de algum tipo de jogo sobre robôs ou algo assim, mas...

Na realidade, era de um jogo de simulação chamado “Night Wars of the British Empire”[1].

E o produto na verdade era ———

× ×

Alguns dias depois — cidade de Snowfield — Center Park

O sol brilhava intensamente no alto do céu ao meio-dia.

Flatt tinha embarcado em um avião para a América apressado. Claro, ele estava completamente despreparado para a viagem.

[1] Guerras Noturnas do Império Britânico

Tinha uma vaga ideia de como a Guerra do Santo Graal funcionava, mas não tinha noção das especificidades.

Ah, Flatt — um homem que tinha coisas mais importantes para se preocupar do que a Guerra do Santo Graal —

Um homem que olhava as marcas na mão direita com alegria.

“Estes são... tão... incríveis! Se usar estes... tais Selos de Comando... eles desaparecerão?”

Ele esfregou a mão algumas vezes. De vez em quando murmurava alguma coisa e então seus ombros caíam. Era como se ele estivesse com o coração partido.

“É como se eles fossem desaparecer. Entendi! De maneira alguma vou usar meus Selos de Comando, não importa o que aconteça!”

Aparentemente, Flatt descobriu de alguma forma que os Selos de Comando desaparecem depois de serem usados. Se qualquer outra pessoa com conhecimento da Guerra do Santo Graal estivesse no parque naquele momento, seguramente teriam apreendido Flatt ali e o levado para interrogatório.

Felizmente para ele, as únicas pessoas no parque eram pessoas comuns — a maioria eram crianças com seus pais.

Flatt olhou para seus Selos de Comando por mais um tempo. Eventualmente, abriu o pacote de pano que estava segurando.

Dali ele removeu uma faca.

Era uma faca de aspecto covarde, tingida de vermelho e preto, e era em suma, bastante grosseira.

Apesar de ainda estar embainhada, a sua lâmina era bizarramente lustrosa — até mesmo elegante.

“Ah cara, abençoado seja o Mestre V. Quero dizer, claro, ele estava me dando bronca e tudo mais, mas ele tinha essa relíquia impressionante, pronta e esperando por mim!”

Flatt ainda não tinha percebido que uma confusão tinha ocorrido. Ver a faca com seus próprios olhos não o dissuadiu. Em vez disso, o deixou

mais confiante do que nunca e o estimulou a seguir adiante, trazendo-o até os Estados Unidos.

E então — imagine! — o Santo Graal o havia selecionado para participar da guerra e lhe deu Selos de Comando para isso.

Ele olhava alternadamente entre os Selos de Comando e sua faca — de vez em quando, ele murmurava alguma coisa.

Talvez trinta minutos se passaram, quando —

Uma cena chocante se desenrolou no parque — e se qualquer outro Mestre soubesse disso, certamente eles teriam desmaiado em choque.

Para ser franco, era um milagre. Se o seu mentor, El-Melloi II, estivesse ali para testemunhá-lo, provavelmente teria elogiado Flatt. Claro, ele teria ficado furioso ao fazê-lo. E humilhado Flatt algumas vezes antes de mais nada.

Foi um milagre? Ou apenas um golpe de sorte — ou talvez algo alcançado pelos próprios talentos latentes de Flatt? De qualquer maneira, em certo sentido, Flatt tinha emitido uma poderosa afronta contra a falsa Guerra do Santo Graal.

Naturalmente, o único que estava ciente disso era o próprio Flatt.

[Eu pergunto a ti: tu és o Mestre que me convocaste?]

“Eu... o quê!?”

Ao ouvir aquela voz assustadoramente nítida, Flatt saltou do assento e olhou ao redor em busca de quem falou.

Como antes, porém, tudo o que podia ver eram famílias e casais caminhando. Quem quer que tivesse falado estava longe de ser visto.

[“Eu”, tu disseste? Tomarei isto como afirmativa. Nosso contrato está completo. Como consortes em busca do Santo Graal, seremos companheiros festivos.]

“Hã? Huuuh!?”

Flatt furiosamente girou o pescoço em todas as direções, mas ainda não conseguiu encontrar alguém que parecia estar falando.

Talvez testemunhando o jovem em pânico, a voz continuou.

[Pelos astros... tu me convocaste diante das vistas do público, e na ausência de um altar! Deveras audácia tu tens, ó Mestre... Mas deixe-me compreender.... Se não usaste um altar, tu também não proferiste o encantamento convocação!?]

“Uh, um... desculpe, havia muita energia voando por aí e eu estava meio que brincando com isso... eu acho que nós sincronizamos. Cara, sinto muito por te chamar assim.”

[Compreendo... Bem, isso é muito impressionante — de fato evidencia sua excelência como mago.]

Aparentemente, a voz do tal Servo estava sendo transmitida diretamente na cabeça de Flatt.

Ele logo percebeu que a energia mágica fluía através dos Selos de Comando e ia... para algum lugar. Um pouco tímido, ele começou a falar com a voz em sua cabeça. “Er, erm... Acho que este não é realmente o, um, o momento certo para perguntar, mas... Servos são sempre assim?”

[De maneira alguma, rapaz. Eu sou um caso singular. Não deixe que isso te incomode.] A voz do Servo era mais amigável do que Flatt imaginara, e era bastante refinada e educada. Por estranho que pareça, ele não conseguia ter nenhuma ideia sobre qual, especificamente, poderia ser a identidade do Servo.

[De todo modo, eu realmente não disponho de uma “identidade” definida, por assim dizer. Tu poderias dizer que minha aparência e feitio são de todas as variedades — mas talvez não. É esse tipo de caso.]

Ao ouvir uma voz qualquer, normalmente pode-se dizer se o orador é homem ou mulher, se é jovem ou velho, talvez até mesmo qual sua profissão. Algo sobre a voz entrega esses detalhes. Mas esta voz transmitida diretamente na cabeça de Flatt, estava desprovida de quaisquer características. Era como se estivesse falando com um monstro sem cabeça.

“Então, um... você poderia me dizer qual é o seu nome?”

Uma pergunta comum.

Se a faca em sua mão era o que parecia ser, o Servo certamente seria exatamente o que ele esperava.

No entanto, Flatt era incapaz de conciliar sua impressão do “Espírito Heroico” Com a voz em sua cabeça.

Isso fazia sentido, já que ele sabia que sua imagem de um “Espírito Heroico” Não concordava precisamente com a classe de seres chamados de “Heróis”.

Mas, bem — em qualquer país onde filmes e romances britânicos fossem populares, não poderia haver muitos que não tivessem ouvido falar daquele Servo. Em termos de notoriedade, ele não estava exatamente em pé de igualdade como Sherlock Holmes ou Arsène Lupin, mas — diferente desses dois, ele realmente existiu uma vez.

Por alguma razão, o Servo permaneceu em silêncio. Flatt olhou nervosamente ao redor, mas —

De repente, um homem de grande porte, vestido com tons de preto, entrou em seu campo de visão.

“Ah garoto! Você finalmente se manifestou!”

“Eu o *quê*? Sobre o que você tá falando, garoto?” O homem de preto olhou para Flatt com suspeita.

Flatt se agitou e seu rosto se tornou um sombrio tom de branco.

Claro que o homem estaria vestindo preto.

Era um policial com uma pistola enfiada no quadril. Ele olhou para Flatt — um homem sentado em um banco em frente a uma fonte no meio do dia com uma faca na mão.

“O que em diabos você está fazendo ‘murmurando’ para si mesmo, filho? E para que serve essa faca? Você está agindo de forma suspeita.”

“N-não! Eu quero dizer! Isso não é!”

Flatt estava abalado. Tentou explicar o que estava fazendo, quando—

“Isso te surpreendeste?”

De repente, o policial começou a agir de maneira amável. Ele entregou seu cassetete a Flatt.

Parecia um verdadeiro cassetete — mas no momento em que o agarrou, ele desapareceu no ar.

Surpreso, levantou os olhos da mão, apenas para descobrir a ausência do policial. No lugar do oficial, viu uma mulher usando um vestido nitidamente lascivo.

E então, a mulher falou com ele. “Pensei em demonstrar minha especialidade antes de me apresentar.” A voz, embora certamente feminina, tinha a mesma sensação da voz que tinha estado na sua cabeça um pouco antes.

“Hã? Hã? O quê?” Flatt estava cada vez mais surpreso.

Então, a mulher desapareceu diante de seus próprios olhos e —

[Rogo desculpas por te alarmar, Mestre. Supus que este meio pudesse ser mais breve.]

A voz estava em sua cabeça novamente.

Algumas das famílias próximas pareciam ter percebido que algo estava estranho. Alguns esfregaram seus olhos enquanto outros inclinavam a cabeça, algumas crianças até perguntaram a seus pais por que o policial se transformou em uma mulher e depois desapareceu. É claro que suas perguntas foram recebidas com risos.

Dado o que tinham visto, e dado que a marca deixada no chão pelos saltos altos da mulher permanecia, eles poderiam ter certeza de que o que eles tinham acabado de ver não era uma alucinação.

A verdade não era para as pessoas comuns que olhavam com suspeita — somente dentro da mente de Flatt ela seria revelada.

[Permita que me apresente novamente. Meu verdadeiro nome é —]

Flatt esperou que ele continuasse, com a respiração ofegante.

Ele sabia qual era a verdadeira forma de seu Servo. No entanto, na lenda em que aparecia, o verdadeiro nome do Servo era muito mais importante.

Flatt esperou e esperou que a voz continuasse em sua cabeça, mas —

Quando o Servo finalmente continuou, o que ele disse o surpreendeu Flatt de uma maneira completamente diferente.

[Para ser franco, **eu não me recordo**.]

"Você está falando sério!?"

Flatt havia se erguido no banco em que estava sentado. Percebendo que não havia ninguém em sua frente e que ele parecia bastante idiota, se sentou embaraçosamente enquanto olhava furtivamente.

Sem prestar atenção às palhaçadas do jovem, o Servo continuou a falar, com uma voz desprovida de características peculiares.

"Ninguém deve saber meu verdadeiro nome, exceto talvez eu mesmo — o verdadeiro eu, não o eu da lenda... Ou, talvez, quem pôs fim aos meus assassinatos."

× ×

A faca que Flatt segurava não era uma verdadeira relíquia, mas uma imitação.

Mas se esse Espírito Heroico se importava —

Isto pode atrair um espírito muito poderoso precisamente porque este Espírito Heroico era uma imitação projetada para entreter o público.

Esse Servo não tinha nome, embora houvesse a prova de que ele já viveu neste mundo.

E, no entanto, ninguém sabia como ele realmente se parecia.

Ninguém conhecia sua aparência. Seu verdadeiro nome. Se ele era um homem ou uma mulher.

Ou se ele era mesmo um humano.

Ele — embora seu gênero não fosse conhecido — era um símbolo de medo. Um que aterrorizou o mundo. As pessoas o imaginavam de inúmeras maneiras e ele era o tema de inúmeros contos e teorias.

Talvez um médico;

Talvez um professor;

Talvez um aristocrata;

Talvez uma prostituta;

Talvez um açougueiro;

Talvez um demônio;

Talvez uma fada;

Talvez uma conspiração;

Talvez loucura.

Nem sequer era certo se ele era uma única pessoa ou não. O medo que o povo tinha dele foi explorado para criar todo tipo de histórias — e então eles foram unificados em uma única lenda.

Mas ele não era apenas uma lenda. Ele realmente existiu.

Na verdade, para Flatt, que passara muitos anos na Torre do Relógio, sua lenda era provavelmente a mais próxima de casa.

Todo mundo sabia qual a prova de que ele existiu.

No distrito de Londres conhecido como Whitechapel—

Foram encontrados os cadáveres macabros de cinco prostitutas. Não poderia haver uma prova maior.

× ×

[Dito isto, há um nome pelo qual sou conhecido e pelo qual me identifiquei em minhas cartas.]

[Jack o Estripador.]

Alguns meses antes —

El-Melloi II tinha jogado “Night Wars of the British Empire”.

Ele encomendou o jogo do Japão pensando que seria um jogo de guerra sobre os vários cavaleiros lendários da Inglaterra.

Infelizmente, os japoneses não fazem distinção entre os homófonos “knight” e “night”[1] na escrita e, neste caso, eles significavam o último. O protagonista do jogo foi baseado em uma pessoa real, que vagou pelas ruas de Londres durante a noite, lutando contra a personalidade enlouquecida dentro dele. Às vezes, ele também acabava lutando contra demônios. Era um *daqueles* jogos de aventura.

Apesar de não ser o que ele estava esperando, El-Melloi jogou até o fim e anotou uma lista de opiniões honestas sobre o jogo. Primeiro era sua opinião de que “o título do jogo deixa algo a desejar”.

Quando ele virou o cartão de pesquisa, notou que havia alguma informação sobre os prêmios que ele poderia ganhar nesses sorteios.

Se você enviar este cartão, poderia ser um dos 100 sortudos vencedores a receber uma réplica de uma faca com a assinatura de Jack o Estripador! (Bainha incluída)

—— Como se Jack, o Estripador, inscrevesse seu nome em uma faca.

Ele riu com o pensamento. Perdeu o interesse no prêmio em si, e voltou a escrever seus pensamentos sobre o jogo.

Esse tempo todo ele estava completamente inconsciente do que esse cartão de pesquisa poderia acarretar.

[1] “Cavaleiros” e “Noite” respectivamente

× ×

E então, alguns meses depois disso —

Flatt se sentou na frente da fonte no parque tendo uma conversa mental com o ser em sua cabeça.

Em pouco tempo, ele parecia ter se adaptado à situação e estava falando naturalmente com o ser.

“Então, você está dizendo que, por não ser ninguém em específico, você ganhou o poder de se tornar qualquer um, hein...”

[Correto. Mas tu tiveste sorte. Se me manifestasse como um Servo de outra classe, eu teria possuído teu corpo e iniciado um ataque enlouquecido... bem, em todo caso, vamos apenas dizer que eu estaria nadando em sangue agora.]

“Uh....” Flatt achou difícil interpretar isso como uma piada. Ele não podia deixar de olhar em volta para os rostos das pessoas ao seu redor.

Se Jack estivesse descontrolado, a maioria dos magos se preocuparia que as pessoas comuns viessem a saber da existência da magia. Flatt, no entanto, estava aliviado por uma razão diferente, atípico de um mago.

“U-um... a propósito, qual a sua classe? Você é Assassin?”

[Ah, minhas desculpas. Eu pertenço à classe Berserker.]

“Hã?”

A resposta do servo deixou Flatt confuso.

Flatt não era um *completo* ignorante — ele havia feito algumas pesquisas básicas sobre a Guerra do Santo Graal.

Sabia que os Servos da classe Berserker ganhariam poder em troca de perder a sanidade.

Talvez Jack tenha entendido por que Flatt estava confuso. Começou a explicar de maneira natural a natureza de sua classe.

“Compreenda, fui consagrado na lenda como um símbolo da loucura. A classe do guerreiro enlouquecido é a única que realmente me encaixa.”

“Ah... assim como um negativo com negativo faz positivo!”

Qualquer mago comum... ou, de fato, qualquer pessoa comum teria que se perguntar se essa explicação estava correta. Flatt, é claro, aceitou.

Isso, por sua vez, surpreendeu Jack, que murmurou algo antes de alterar sua explicação. [Se eu fosse a alma de uma pessoa real, isso provavelmente não teria acontecido. Mas devido ao fato de eu ser um emblema da loucura suponho que fui negligenciado. Isso é certamente um milagre. Então talvez haja algo único sobre esta Guerra do Santo Graal.]

“Uau. Servos realmente são incríveis!” Como de costume, uma resposta simples de Flatt.

Recordando um assunto que o “incomodava”, o Servo começou a falar de outra coisa. [A propósito, quando apareci diante de ti na forma de um policial — por que não tentaste me hipnotizar... ou usar alguma outra forma de supressão mágica? Certamente é o tipo mais básico de magia.]

“Hã?... Er, bem, eu pensei que primeiro deveria ter certeza que o policial entendia o que estava acontecendo.”

[Estava preocupado com sua competência por um momento, rapaz.]

Flatt, sentindo que havia um tom embaraçoso na voz em sua cabeça, mudou o tópico da conversa. “Então, se você encontrar o Graal, o que você desejaria?”

[Hrm... como tu és o meu Mestre, suponho que devo informá-lo... mas te imploro, por favor não ria de mim.]

O Berserker são hesitou por um momento antes de continuar a ecoar sua voz na cabeça de Flatt.

[...Desejo saber quem matou as cinco prostitutas em Whitechapel — em outras palavras, minha própria identidade. Isso é tudo.]

“Sua identidade...”

[Sou uma mera fábula, sem presença real. No entanto, quando penso nas pessoas inventando histórias e hipóteses sobre minha verdadeira identidade e natureza — isso me assusta. Não espero que me entenda, dado que tens um corpo, um nome e um passado para chamar de teu.] Sua voz soou mansa.

Ele só queria saber quem ele era.

Era uma ideia incomum, mas ao mesmo tempo, era provável ser o que o Servo desejava.

Flatt pensou por um tempo. Então, francamente, ele fez uma pergunta ao servo. “Então, quando descobrir quem você é, o que vai fazer? Tipo, se alguém te convocar em algum lugar além de uma Guerra do Santo Graal... você apareceria no corpo da pessoa que você realmente foi?”

[Isso pode acontecer. Embora minha forma atual difere da pessoa que uma vez fui, permanece verdadeiro que uma vez fui um assassino em série. As lendas sobre mim são todas baseadas nessa premissa. Se sou uma pessoa de uma lenda que também existiu na verdade, carrego o dever de ser tão verdadeiro com a minha realidade quanto possível.] A forma como falou de alguma forma deu a impressão de que estava sozinho.

“Isso não significa que não há nenhum verdadeiro você?” Afirmou Flatt, direto ao ponto, sem qualquer discrição .

Flatt era apenas uma pessoa ultrajantemente sincera. O Servo ficou surpreso e a voz que ressoava na cabeça de Flatt refletiu isso.

[... As pessoas nunca disseram que tu não tens modos?]

“Ahaha, com certeza dizem! O tempo todo! Obrigado!”

[Eu não estava te elogiando... mas, bem, isto é bom. Não precisamos discutir mais este assunto. De todo modo... Estou surpreso que conseguiste me convocar. Tu não podes esperar de mim nem o poder de um Herói nem a moralidade de um homem.]

Era um pensamento razoável.

Não importa que fosse Jack o Estripador falando. Qualquer um ficaria hesitante até mesmo por estar ao seu lado e convocá-lo como Servo —

Flatt, tão franco como poderia ser, respondeu.

“Eu amo pessoas como você! Sabe, homens de mistério com identidades secretas e tudo mais!”

[...]

“Vamos, isso é tão *legal*! Além disso, você é incrível! Não é ótimo!?”

Ele pode ter a intuição de um mago, mas seu temperamento era... não tão mago assim.

Se houvesse como seu comportamento se encaixar em um mago —

Seria que suas ações diferiam muito da maioria das pessoas comuns.

Para expressá-lo de maneira mais generosa, ele era dotado de uma superabundância de curiosidade — e magos deveriam ser curiosos.

Embora não fosse claro como o Servo interpretou Flatt —

Ele, um servo que deveria ter sido composto de pura loucura e selvageria, se preparou para a batalha. Com um pouco de otimismo em sua voz, ele falou.

[Muito bem, meu Mestre. Por onde começaremos? Usando minhas habilidades, podemos nos infiltrar em qualquer lugar e matar os Mestres inimigos onde eles estão! Aguardo suas ordens. Quais poderiam ser?] O Servo estava claramente de bom humor.

Seu mestre, entretanto, apenas sentou com um sorriso calmo em seu rosto. Verdadeiramente, ele era o mago mais insignificante dos magos.

“O tempo está bom hoje. Vamos apenas aproveitar o sol por um tempo. É agradável e quente!”

[Qu...!?]

Assim começou a jornada de um jovem que não sabia nada de tragédia e do espírito vilão que não criou nada além de tragédia.

Havia apenas uma coisa que eles compartilhavam: ninguém estava mais distante dos ideais da Guerra do Santo Graal.

Apenas isso e nada mais.

ACT3 アサシン

Ato 3: Assassin

Em uma certa terra, uma vez viveu uma mulher de muita fé.

Isso é tudo. Essa era toda a história.

A mulher devota era tão piedosa que se comportava de forma excêntrica. E assim, o povo a desprezou como uma fanática.

Pior ainda, mesmo aqueles que adoravam o mesmo deus que ela, olhavam para ela com desprezo.

Mas a beata não odiava o povo.

O povo só a odiava porque ela ainda era fraca de fé.

Ela não era piedosa o suficiente. Simples assim.

A fanática se esforçou, passando dos seus próprios limites.

Ela procurou os milagres criados por seus predecessores, e recriou cada um deles.

Mas sua fé ainda era fraca.

Era muito, muito fraca.

— ou pelo menos, foi o que a devota ouviu enquanto o mundo gritava com ela.

Todo homem de fé começou a fugir da devota.

—— Minha fé é fraca.

—— Minha fé é fraca.

—— Minha fé é fraca.

No fim, a fanática não pôde fazer nada. Ela viveu como uma fanática e morreu como uma fanática. Não como mártir. Ela viveu uma vida vazia, e então, ela se foi.

E, no entanto, a fanática não amaldiçoou o mundo.

Ela estava envergonhada da sua própria fé fraca e se entregou de novo ao turbilhão da fé.

A fanática não sentia ódio pelo povo. Somente os deuses dos pagãos a levavam à ira.

Assim viveu a devota, irremediável aos olhos do povo comum.

Essa era toda a história.

Era aí que sua história deveria terminar.

— até o momento em que o falso Graal escolheu a fanática.

× ×

Madrugada — Snowfield Oriental — Distrito do Pântano

O distrito do pântano se desdobrava ao leste do centro de cidade. Era o lar de muitos lagos cristalinos.

Entre os lagos haviam incontáveis pântanos. Uma malha de estradas tricotava o distrito.

De toda a região em torno da cidade, a oriental — o Distrito do Pântano — era provavelmente o mais desenvolvido. Mesmo assim, não havia muita civilização, exceto por alguns pontos de pesca e casas de férias.

E em um terreno em específico, havia uma enorme casa de férias.

Um Bounded Field tinha sido estabelecido lá. Mesmo que um homem comum fosse capaz de detectar a casa, ele seria incapaz de se preocupar com isso.

Arquitetonicamente falando, era realmente de mau gosto. Comparado à casa de à beira do lago um pouco para oeste, era um pouco demasiado gótico, projetado com temas pretos e cinza.

E —

No porão da casa, vários magos estavam presentes. Tinham terminado uma cerimônia de convocação.

A convocação foi um sucesso.

Tudo o que restava era responder afirmativamente à pergunta do Servo, completando assim o contrato.

Mas —

—— Isto é estranho.

O invocador, um mago com o nome de Jester Karturei, olhou interrogativamente para o Espírito Heroico que ele havia convocado.

Cerca de dez de seus discípulos também estavam presentes.

E no centro do círculo de convocação havia uma outra figura, claramente nem humano, nem mago.

Um ar de intimidação, infinitamente profundo e puro, emanava de uma mulher solitária com vestes negras.

Parecia muito jovem, mas era difícil ter certeza, pois mantinha o rosto virado para baixo.

Naquele momento, Jester teve um severo pressentimento.

A convocação deveria ter produzido um Assassin.

Para a maioria, é impossível escolher a classe em que um Espírito Heroico é convocado.

Mas há exceções.

Com os preparativos adequados e encantamentos, pode-se optar por convocar Assassin ou Berserker, cada um dos quais tem uma característica especial que torna isso possível.

Assim, Jester escolheu convocar um Servo da classe Assassin.

Pela sua própria natureza, apenas um pequeno número de Espíritos Heroicos pode ser convocado como Servos da classe Assassin. E, à primeira vista, o ser no centro do círculo de convocação parecia ser um daqueles Espíritos Heroicos, mas —

— Eu tinha a impressão de que os Assassins sempre usam uma máscara de caveira branca ....

Os Espíritos Heroicos da classe Assassin vestiam-se todos com uma túnica preta e escondiam os rostos com uma máscara de crânio. Jester sabia disso a partir de sua pesquisa anterior.

Mas a mulher diante dele, embora envolta em pano preto, não usava uma máscara branca. Seu rosto real era visível entre o tecido.

— Nesse caso, *eu* deveria fazer a pergunta...?

Esta foi a primeira vez que Jester participava da Guerra do Santo Graal. Naturalmente, esta Guerra era uma imitação desde o início. Era impossível prever o modo como diferiria da Guerra no Japão.

Em primeiro lugar, era bizarro que as partes por trás de toda essa guerra — as estrelas da série — ainda não tivessem se revelado. Jester assumiu que pelo menos um clã tão renomado como os Einzberns estaria envolvido na criação de algo tão grande e elaborado como esta Guerra do Santo Graal, mas ele não sentiu a presença de nenhum mago que se encaixasse nessa descrição.

Talvez estivessem se escondendo bem, ou talvez eles estavam assistindo de longe.

Jester colocou todas as suas dúvidas de lado e esperou que o Servo fizesse um movimento.

E então — a mulher vestida de preto levantou lentamente a cabeça. A forma de Jester refletia em seus olhos.

“Eu pergunto a você...”

Seu olhar era tão poderoso quanto intimidante: profundo e infinitamente negro, puro e límpido.

O mago involuntariamente soltou um murmúrio quieto enquanto riu suavemente, esperando que o Servo continuasse falando.

“Você é.. o mago... que me convocou... para alcançar o Santo Graal?”

Ela esfregou o pano preto em volta de sua boca e falou delicadamente.

Aliviado por ter finalmente falado, Jester avançou. Com uma nova confiança, abriu os braços como se quisesse recebê-la neste mundo

“De fato, sou eu. Eu devo————”

[.....Delusional Heartbeat.....]

No momento em que ela falou, o tempo parou.

Jester sentiu algo roçar seu peito. Abaixou a cabeça para olhar.

—— O que É isSo?

E entÃo — Ele viu algo veRmelho em Seu peIto, elÊ notou que Na verDade Isso estáVa seGurando ALgo vermelho, entãO notou qUe O que Isto estÄva sEguraNdo era Na verdaDe seu coRação é ——

Ele não levantou a cabeça. O corpo de Jester desabou no chão.

“Como...!?”

Vendo o corpo de seu mestre repentinamente ficar totalmente imóvel, os discípulos do Jester entraram em pânico. Seus olhos se arregalaram quando olhavam para a situação que se desenrolava diante deles.

Um terceiro braço vermelho, brotou das costas da mulher. Estendia-se por todo o caminho até o corpo de Jester, onde perfurava seu peito —

Que estranho. Aquela mão vermelha agarrou um coração — e depois o esmagou.

Os magos restantes olharam para o corpo de seu mestre e para a mulher, seu olhar flutuando para frente e para trás. Eles gritaram, freneticamente.

“S-sua vadia!”

“O que você fez com Lord Jester!?”

“Você não é um Servo!?”

Enquanto entravam em pânico e gritaram, os magos se armaram e concentraram intensamente suas energias mágicas.

Enquanto olhava para os discípulos de Jester sem emoção, a mulher negra disse apenas uma coisa.

De fato, foi efêmero.

“Nosso Deus mais compassivo... não tem cálice...”

Talvez a ouvisse, ou talvez não. De qualquer maneira, um dos homens pegou um punhal de aparência mágica e saltou sobre ela, tentando empalá-la pelas suas.

E então—

Um som úmido e berrante ecoou ao redor da câmara quando seus ombros começaram a se deformar.

Seu braço esquerdo se estendia para trás em um ângulo anormal, o tocava gentilmente e —

[.....Fantastical Cybermind.....]

Imediatamente, sua cabeça explodiu e respingou por toda parte, acompanhada por um barulho explosivo, como se sua cabeça se tornasse uma bomba.

Ouvindo a explosão e vendo um lampejo de luz, todos os magos se encolheram de medo.

Apenas dois deles haviam perecido — mas isso foi suficiente para convencê-los de que estavam lidando com um Servo real, devoto a Deus. Um ser contra o qual eles eram totalmente impotentes.

“Vou exterminar... os magos hereges...”

Enquanto falava deliberadamente, ela ficou imóvel, sem se mover por alguns segundos.

Parecia que ela estava permitindo que os magos fugissem, mas não o fizeram. Em uníssono, deram um grande salto para trás e desencadearam todas as suas energias mágicas sobre a mulher.

Presenciando essa visão lamentável, o servo de vestes negras sacudiu a cabeça lentamente, um olhar quase desanimado em seus olhos —

E, no entanto, sem um traço de misericórdia, ela invocou seu poder.

[.....Ependyma Illusional.....]

E então — o silêncio pairou sobre a câmara.

A Serva vestida de preto estava cercada por cadáveres de magos.

Todos os magos que haviam tentado liberar sua energia sobre ela tinham sido, por alguma razão, consumidos por suas próprias chamas. Seus restos estavam espalhados pelo chão.

A única que tinha a menor ideia do que aconteceu foi a Serva. Ela apressou-se a subir as escadas do porão, ainda em silêncio.

Ela voltou à sua forma espiritual e, sem ser vista por ninguém —

Correu para a escuridão da noite. Ela, que uma certa vez não teve nenhuma função em sua vida, tinha finalmente encontrado um propósito.

× ×

A fanática procurou por provas.

Provas de que ela era verdadeiramente uma pessoa de fé. Provas de que ela pertencia a Alá. Nada mais.

Não demorou muito até que ela percebesse que sua busca por provas era em si a evidência de que sua fé era fraca.

Quando era jovem, se esforçou para ganhar um nome — um nome que servisse como prova de sua fé.

A fim de alcançar esse nome, que evidenciaria sua piedade, ela teria que alcançar poder suficiente para realizar um milagre divino.

Contudo, apenas um tipo especial de milagre serviria.

Tinha que ser um milagre que pudesse trazer morte, rápida e confiável. Um milagre maior do que qualquer um conhecido por um *zindīq* ou *moharebeh*[1].

Ela era membro de uma seita que perseguia tais milagres: o *Hashshashin*[2], um culto que era fanático por sua própria natureza.

Mesmo nos círculos mais íntimos do culto, no entanto, ela foi desprezada como a fanática das fanáticas.

Os últimos grandes mestres do culto fizeram um milagre com o nome de *Shaytān*[3], e ao fazê-lo ganharam seus títulos.

Cada um deles ficou chocado com os feitos dela.

Nenhum deles estava preparado para acreditar no que tinham visto.

Ela era apenas uma menina, um mero cordeiro —

Como ela poderia dominar todos os milagres realizados pelos 18 grandes mestres anteriores?

Sem dúvida de que ela tinha feito os mais hercúleos dos esforços.

---

[1] Zindīq e Moharebeh são termos islâmicos que se referem a hereges e crimes de heresia.
[2] Ordem de Assassinos: uma seita fundada no século XI com o objetivo de difundir nova corrente do Islão. A fama da fidelidade e ferocidade dos seus membros se espalhou entre os cristãos.
[3] Principal demônio do Islão, equivalente ao Diabo cristão.

Desnecessário era dizer que ela tinha derramado muito do seu sangue puro e incorrupto no processo.

E, no entanto, o povo de sua seita não a reconheceria como uma grande mestra.

"O que você conseguiu? Você imitou milagres já realizados. Isso não é nada. É por sua fé ser fraca que você é incapaz de produzir um milagre por si mesma."

Ela certamente era talentosa.

Isto é, ela tinha talento suficiente para dominar as habilidades de todos os grandes mestres do passado. Ela tinha a força para suportar a dor que a atravessava enquanto mortificava sua carne. Ela tinha a força para enfrentar qualquer dificuldade através da força bruta e da força de vontade. Mas ela não era dotada do talento necessário para provocar um milagre de sua própria invenção.

Isso era apenas metade do problema. Sua capacidade de dominar tantos milagres, quando uma pessoa comum levaria toda a vida para dominar apenas um — essa era a outra metade. O povo a temia, sabendo que ela era capaz de alcançar esses milagres em questão de anos.

"E assim, você é fraca na fé. Não podemos conceder o título de grande mestre para alguém como você."

Esse argumento era mera falácia. E, no entanto, ela o aceitou de todo o coração.

—— Entendo. Minha fé não é profunda o suficiente.

—— Quanto ainda tenho que aprender. Trouxe vergonha aos milagres dos ex-grandes mestres.

Ela não sentia rancor por ninguém. Ela simplesmente continuou a aprimorar suas próprias habilidades.

E quando o novo grande mestre — o Cem-Faces — foi selecionado—

Ela viu que ele era capaz de todo tipo de coisas, coisas que ela não podia fazer, mas ela não o invejava. Só sentia vergonha por sua própria falta de fé.

No final, a fanática não encontrou nenhuma prova de sua fé e desapareceu na névoa do tempo.

Ou assim deveria ter sido —

Mas, que capricho do destino! Quando foi convocada pelo homem chamado Jester, a ela foi dado conhecimento do mundo pelo Santo Graal, e imediatamente veio a conhecer o seu destino.

Ela deveria transformar o Santo Graal — aquele emblema da heresia — em nada. Isso era tudo o que desejava.

E embora ela não ignorasse que os grandes mestres anteriores tivessem almejado o cálice —

Ela sentiu apenas tristeza.

Ela não se ressentiu desses grandes mestres. Nem os insultava.

A fé deles era, sem dúvida, mais profunda que a dela. Mesmo agora, eles eram dignos de seu respeito.

Seu ódio estava dirigido àquilo que os havia desviado: a Guerra do Santo Graal.

Ela tinha que pôr fim a isso. Ela atravessou a escuridão da noite, se apressando em busca do Santo Graal.

Dado que ela havia matado aqueles magos, ela logo perderia seu suprimento de energia mágica.

Ela ainda recebia energia mágica, mas era apenas um resquício.

Quando o fluxo de energia mágica parasse completamente, ela desapareceria.

Isso aconteceria depois de alguns dias? Algumas horas? Alguns segundos —?

Mas isso não importava.

Até seu último momento.

Mesmo que seu corpo fosse uma mera aparição —

A Assassin sem nome não questionaria seu propósito.

Acreditando que a piedade daqueles que, como ela, tinham sido fiéis seria recompensada.

Ela, sem um momento de hesitação, fez da própria guerra do Santo Graal seu inimigo.

× ×

Alguns minutos atrás.

No porão da cabana à beira do lago onde o Espírito Heroico sem nome foi convocado, não haviam homens, apenas cadáveres.

Quando Assassin partiu, isso se tornou uma verdade ainda mais certa.

“Kha!”

Uma risada imaculada soou.

Mas a verdade era o que era.

Nesse quarto, não haviam homens, apenas cadáveres.

“Khaa! Ha ha ha ha ha ha!”

Uma risada ecoou. Parecia o riso de uma criança, contente do fundo do coração, mas ao mesmo tempo, era deformada — pervertida de certo modo.

Mas a verdade ainda era o que era.

Nesse quarto, não haviam homens, apenas cadáveres.

"Wow, isso foi uma surpresa! E pensar que o Santo Graal me traria uma pequena rebelde!"

O homem saltou como um macaco, o Selo de Comando na mão direita ainda reluzindo.

"Que bonito...."

—— Estava pensando em despertar a *Spider*[1] com o poder do Graal e viver para ver esse mundo ser destruído, mas...

—— Eu não tinha ideia que ainda tinha "emoções" — esses vestígios da humanidade!

Ele tremeu, assediado pelas emoções —

E a verdade permaneceu o que era.

Naquela sala, não haviam homens, apenas cadáveres.

Dado que a verdade era o que era, só podia significar uma coisa. O mago Jester Karturei, agora sufocado pela emoção, era, neste momento, um cadáver.

"Quanta paixão! Que maravilhoso! Tão encantador, magnífico, delicado, pitoresco, *fofo*! Oh, que erro trágico eu fiz — quando tive tanto tempo livre e tão pouco para fazer, eu deveria ter dominado a *Arte Poética*! Não consigo encontrar as palavras para descrever sua piedade!"

Jester estava no auge da sua vida. Não prestando atenção aos cadáveres espalhados pela sala, começou a desabotoar a camisa.

[1] Spider Grandmother figura importante nas lendas dos nativos americanos. Responsável pela criação do mundo, mas também poderia destruí-lo se assim desejasse.

Emblemas aparentemente mágicos apareceram em seu peito nu — emblemas que eram totalmente diferentes dos Selos de Comando.

Era um anel de seis marcas vermelhas, semelhante ao cilindro de um revólver de seis balas.

No entanto, uma das seis marcas — a mais próxima do seu peito esquerdo — tinha ficado escura.

"Ela **esmagou** meu núcleo com tanta facilidade! Fui tão cuidadoso quanto pude! E isso nem sequer importou! Com seu braço, ela poderia transformar um ser muito mais forte do que eu em nada!"

Jester tocou a marca escurecida com um dedo, e então a ponta do seu dedo foi sugada pela pele do seu peito. Estranhamente, nem uma gota de sangue caiu da marca. Ele empurrou a mão até o pulso na carne enlameada e **destroçou** suas próprias entranhas.

"Minha alma mágica foi completamente destruída."

Então, como uma engrenagem, ou mesmo como um revólver, as seis marcas giraram, quase como se estivessem se contorcendo. A marca escurecida mudou para seu flanco esquerdo, carregando uma nova marca vermelha em seu peito esquerdo.

"Nesse caso, eu deveria usar um novo rosto daqui em diante."

E então, de alguma forma — assim como aquelas seis marcas tinham se movido, seu corpo e rosto pulsaram. Um momento depois, ele tinha a aparência de um homem completamente diferente.

Ele retirou o dedo do seu peito e o pôs sobre o selo escurecido ao seu lado. Ele estava em êxtase enquanto esfregava o dedo ao redor.

"Esse núcleo foi protegido por inúmeras camadas de magia. E apesar disso, ela fez tudo isso parecer nada com aquele braço vermelho. Seus dedos alcançaram o âmago do meu ser... Um braço tão simples, e mesmo assim tão diabólico! Um Fantasma Nobre — que coisa interessante!"

Ele continuou a falar com os cadáveres espalhados ao redor dele, com uma voz clara e retumbante. Claro, eles não responderam.

"Estou surpreso que ela foi capaz de usar essa técnica temível sem hesitação e tantas vezes. Se ela tivesse acesso apenas à energia de

qualquer outro mago — um ordinário, diferente de mim... ela certamente teria se esgotado quase imediatamente.

Ele mostrou seus dentes caninos inusitadamente afiados no altar dos cadáveres. Continuou falando sozinho com uma voz enérgica e quase encantadora.

“Suponho que ainda não preciso desistir do mundo... Essa bela Assassin! Tenha piedade! Eu não poderia permitir que ela desaparecesse sem um nome!”

Isto — uma declaração que só poderia ser feita por aqueles que tinham visto as memórias dela.

Através da ligação entre um Mestre e um Servo, o primeiro podia ver os pensamentos e memórias do último como se fossem sonhos.

“Jamais! Quem se atreveria a deixar tal coisa ser **desperdiçada**!?”

Se Jester falava a verdade, isso significava que ele tinha aprendido sobre a fé dela por um sonho enquanto esteve morto, mas —

“Eu lhe concederei um nome! Seu belo rosto. Sua bela alma. Seu belo poder. Sua bela fé... Eu vou profaná-los e contaminá-los e derrogá-los e degradá-los! Que maior prazer poderia haver!?”

Ele riu de todo o coração. Seu rosto gradualmente ficou perverso.

“Ó prazer! Ó impermanência! Ó beleza! Eu farei com que a bela Serva se ajoelhe diante de mim e destruirei a sua fé, e quando tiver drenado a última gota do seu poder, que visão magnífica será!”

O coração de Jester batia a um ritmo eufórico como a sombra estendida do chão sob seus pés.

Era uma sombra vermelha — um vermelho tão profundo quanto os emblemas no peito.

Quando a sombra finalmente se envolveu em torno dos corpos de todos os discípulos do Jester, ela se separou do chão e se tornou uma onda carmesim que engoliu os inúmeros cadáveres.

E então, imediatamente, a sombra recuou para o corpo de Jester. Era agora um vermelho ainda mais profundo do que antes.

Em poucos segundos, os corpos foram reduzidos a meros esqueletos por aquela sombra inexorável.

“O Santo Graal? A destruição do mundo? Isso também é maravilhoso! Isso eu concordo! Mas são apenas restos! São meros dejetos diante do seu desespero!”

E então —

Ele, um cadáver vivo — um vampiro — se excitou com a visão do sabor do sangue da Serva enquanto seus olhos mortos reluziam com vida.

“Como companheiros heréticos nesta terra, seremos grandes amigos! Khaa... Khahahahahahahahahahahaha!”

E assim, sem um contrato adequado os vinculando —

O Mestre da Assassin despejou uma escuridão tóxica na Guerra do Santo Graal.

Rindo e rindo e rindo e —

ACT4 キャスター

Ato 4: Caster

A sala estava escura.

Através de uma pequena abertura nas persianas, o telhado do prédio vizinho era visível.

A julgar pela visão atrás do prédio vizinho, parecia que a sala era bastante elevada e localizada no centro da cidade de Snowfield.

As estrelas brilhavam fora da janela.

A sala se parecia com um escritório moderno iluminada pela pálida luz das estrelas.

Das filas de mesas com computadores até o ar-condicionado no teto, nada parecia incomum sobre o quarto. Podia facilmente se esquecer de que esta sala também fazia parte do palco sobre o qual a Guerra do Santo Graal seria promulgada.

No entanto, nenhuma das luzes fluorescentes no teto estavam acesas. A voz digna de um homem de liderança ressoou através da escuridão —

Como se dissesse que esta cidade em si *era* a Guerra do Santo Graal.

“Bem, então... parece que os outros cinco Servos foram convocados”, disse o homem. Ele falou com grande seriedade.

“De fato. A partir deste momento, o único Mestre cuja identidade podemos confirmar é Tiné Chelc, que tem o Rei dos Heróis sob seu controle. Nós fomos incapazes de estabelecer contato com o Sr. e Sra. Kuruoka, que tinham planejado se aliar conosco na Guerra. Estamos cientes de vários outros magos na cidade, mas lamentavelmente, fomos

incapazes de determinar quais, ou se algum deles, possuem Selos de Comando" respondeu uma voz humilde na escuridão.

"É mesmo?" Respondeu o homem, com frustração e desapontamento transparecendo em sua voz. "O sistema de vigilância em toda a cidade é surpreendentemente impotente."

O outro homem continuou calmamente a entregar seu relatório. "Observamos um mago que, em um parque em plena luz do dia, exibia seus Selos de Comando e convocava um Servo. Entretanto, o servo realizou algum tipo de ilusão incomum, sem se revelar. Ao fazê-lo, evadiu o nosso agente disfarçado que estava lá. A princípio pensamos que o mago era um tolo, mas parece que ele é bastante habilidoso."

"E você não identificou o Espírito Heroico? Nenhuma de suas características?"

"Temo que não. Além disso, no que diz respeito ao primeiro Espírito Heroico convocado — mesmo que a convocação tenha ocorrido na cidade, não conseguimos descobrir nada dos dados de vigilância. Estamos certos de que o Espírito Heroico foi convocado, mas não conseguimos descobrir mais nada, nem mesmo a sua localização."

"Hm... Presumo que este seja obra daqueles intrusos governamentais, a julgar por essa 'declaração' deles".

Ele deve estar se referindo ao incidente com Rohngall e Faldeus alguns dias antes.

No entanto, o outro homem, seu subordinado, balançou a cabeça, respondendo negativamente.

"Eu temo que não seja isso. A primeira convocação ocorreu essencialmente ao mesmo tempo em que emitiam a sua declaração."

"...Nesse caso, é mais provável que a primeira convocação tenha sido realizada pela família Kuruoka." Ele se levantou quietamente, um olhar azedo em seu rosto, e prosseguiu. "Que assim seja. Em todo caso, o maior obstáculo que enfrentamos é o Rei dos Heróis. Precisamos apenas eliminá-lo."

"Sim."

O silêncio estava prestes a cair sobre a sala — quando, de repente, o telefone começou a tocar.

O líder, relutantemente, pegou o telefone e, de maneira muito profissional, disse: "...sou eu".

« E aí mano! Como cê tá? »

O homem enrugou sua testa. "Caster. O que você quer?" Ele respondeu.

« Vamo lá cara, não seja assim! Escuta. Eu tava assistindo o *boob tube*[1], e adivinha o quê?! Eles falaro que umas gata por essas bandas valem milhões de verdinhas uma noite! É verdade!? »

"...e se for?"

« Paga umas pra mim essa noite, mano. Ajuda o brother. » O homem no outro lado do telefone estava drogado. Muito drogado.

"Não sou seu irmão." A boca do líder se contraiu.

« Por que não, cara? Não me diga que cê esqueceu que nóis fizemo juramento de sangue! Nóis é irmão de sangue! Sabe, eu gosto do som de "irmãos de sangue". Procurei na net — parece que os caras fazem essas coisa na Escandinávia o tempo todo. Eu juro! »

"...Você, um Espírito Heroico, forjou um contrato comigo, seu Mestre. Essa é a extensão exata de nossa relação." Suas têmporas se contraíram quando apertou o telefone.

Havia Selos de Comando bastante visíveis no dorso da sua mão, formando algo parecido com uma corrente.

Nesse caso, o homem do outro lado do telefone deveria ser seu Servo. Era estranho que fossem tão distantes um do outro, tanto em termos de distância física quanto em termos de relacionamento — era incomum que um Mestre e um Servo conversassem por telefone.

O Servo resmungou, « Cê só não entende, cara », antes de retomar a conversa, pressionando seu Mestre.

[1] Termo americano de desprezo à mídia televisiva devido ao conteúdo inútil transmitido.

« Não me leva a mal, ok? Meu trabalho é *fazer* Heróis. Tenho certeza que não tem como eu ser um herói. Mas se cê quiser me tratar como um herói, tá OK. Ainda mais quando é sobre as mina. Não, pera, pensando bem, é claro que sou um herói! Quero dizer, qual é — como um cara pode pegar cem gatas e fazer mil nenéns e *não* ser um herói para sempre? »

"Chega dessas histórias sem sentido. Se você tem tempo para contar mentiras, você tem tempo para trabalhar. Volte para suas obrigações."

« Yeesh! Eu tenho que *continuar* fazendo isso? Imagina como eu tô um pouco, cara! Escuta. Tudo o que quero do Santo Graal é comida boa e umas gatas sexy. Mais importante ainda, quero ver as merdas vai rolar nessa guerra e o que acontece os cara no final. Só isso! Mas desse jeito, vou ficar locão de tanto trabalho antes da guerra acabar! »

O Mestre de Caster suspirou e desistiu, aceitando as queixas. "Vou preparar mulheres e comida para você. Agora, volte ao seu trabalho a toda velocidade. Produza armas cada vez mais eficientes."

« Cara, cê é um brother de verdade. Sabe, essa nem é minha especialidade. Não esquece disso, falou? E também, se cê queria um falsificador, tem gente melhor por aí! Então, eu tava na net ontem e li sobre esse mano chamado Elmyr de Hory. E mais, ouvi dizer — parece que tem outro cara que pode usar umas magia fodona para copiar as coisas. »

"Uma mera cópia não tem valor para nós. Se não ultrapassar o original será inútil contra o Rei dos Heróis."

« Ha! Então cê gosta das minhas, hein?! Tô felizão que podia até chorar. Não! Ah que se dane, por que não?! Ah, merda. Se soubesse que isso ia acontecer, não teria brincado sobre minhas cópias serem melhor que a coisa original lá atrás quando fizeram toda aquela enrola sobre falsificação. Quer dizer, merda. Tinha deixado essa porra toda pra trás, eu tava sendo esquecido junto com Cleopatra e Yang Guifei, e então *cê* veio e me arrastou para fora da cama. E olha pra eu agora! Tô aqui escravizado, fazendo seu trabalho sujo! Não tava esperando isso, cara! Isso é uma porcaria. Quem quer de ouvir uma história dessas?! Dá UM tempo! »

"Não me entenda mal. Eu escolhi você não por causa dessas histórias sobre sua vida. Simplesmente, você é aquele que pode criar lendas que

ultrapassam as lendas antigas. Acredito que você tem o poder de inventar contos que ultrapassam até mesmo as maiores lendas do passado além do poder de dar forma a essas histórias." Respondeu o Mestre, reprimindo sua frustração. Reconhecendo imediatamente que as histórias de Caster estavam cheias de mentiras.

« Ha! Olha, *mano*, eu não tô nem aí pra seus elogios. Ei, tenho uma ideia! Por que cê não pega esses elogios e escreve um livro com eles? E então vai ler eles pra sua patroa enquanto ela tá na cama *comigo*, hein!... Na verdade, se cê vai fazer isso, me mostra como vai ficar primeiro. Vê só, sou muito consertando uma maldita história do que escrevendo, então—— »

O homem não ouviu Caster até o fim e desligou o telefone no meio da frase.

O fluxo de palavras terminou, deixando a sala totalmente silenciosa mais uma vez.

O homem continuou a falar na escuridão da sala, agindo como se sua conversa com Caster nunca tivesse acontecido.

"Gilgamesh: o rei dos Heróis... Parece que sua espada sem nome e seu tesouro infinito provarão ser o nosso maior obstáculo."

O homem se levantou da sua cadeira mais uma vez, e lentamente andou em volta da sala com as mãos atrás das costas.

"Como tal, não terei escolha a não ser sobrecarregá-lo com números antes que puxe sua espada. Devemos usar todos os meios disponíveis para levá-lo a um estado de fraqueza — e então vamos matá-lo, honrosamente."

A cada passo que dava, deixava uma aura poderosa — até intimidante. Era como se a própria escuridão brilhasse.

"No entanto, simples números não bastarão para derrotá-lo. Afinal, além de não serem afetados por ataques físicos, os Espíritos Heroicos são imensamente mais fortes do que os melhores atletas. Naturalmente, o lançador que invoquei é uma exceção. Em uma luta, deveria imaginar que até mesmo eu poderia ter a vantagem... mas isso não é minha preocupação agora."

Olhou de soslaio, como se tivesse dito algo que não devia ter dito. Ele então continuou a andar.

“Então... e se os homens puderem dominar o uso dos Fantasmas Nobres?”

No contexto da Guerra do Santo Graal, um “Fantasma Nobre” era uma habilidade quase divina possuída por cada Herói. Tomemos, por exemplo, a espada Ama-no-Murakumo da lenda de Yamato Takeru. Ela, assim como todos os Fantasmas Nobres, é um símbolo do Herói que a carrega e exprime toda a força do seu portador.

Naturalmente, eles não são o tipo de coisa que se poderia encontrar em lojas de armas ou antiquários. De fato, dificilmente seria um exagero dizer que convocar um Servo equivale a convocar um Fantasma Nobre. Tão imenso é o poder de um Fantasma Nobre — uma carta na manga que pode mudar a sorte da batalha.

“Suponha, além disso, que cada uma dessas armas fosse mais poderosa do que os itens originais em que se baseavam. E então?”

Tendo andado na escuridão da sala, o homem parou diante de uma parede e —

Ergueu a mão direita — a mão na qual estavam inscritos seus Selos de Comando — e girou um interruptor. A sala se iluminou.

Na sala inundada de luz —

Uma fila de pessoas se estendia de uma extremidade para a outra da sala. Cada um deles estava vestido de preto.

Entretanto, não eram as vestes negras típicas dos magos — um distintivo pendia de suas cinturas, como um emblema de autoridade.

Homens e mulheres se encontravam ali sem uma ordem em particular. No total, haviam talvez 30 pessoas naquela lista de policiais.

Cada um deles estavam de pé, os uniformes pretos exalando uma aura impressionante. Cada um tinha nas mãos uma arma, cada uma de um tipo diferente.

Que visão bizarra.

Esses policiais com uniformes carregavam espadas, arcos, escudos, lanças, correntes, foices entre outras coisas. Além do mais, todos tinham um par de algemas e uma pistola enfiada no cinto. Eles já tinham passado do "impróprio" e já estavam no reino do "absurdo". Um deles tinha mesmo um arcabuz[1] dourado sobre seu ombro. Era como se eles fossem artistas em roupas de polícia, a caminho de uma apresentação para promover o turismo na área de Snowfield.

As probabilidades, no entanto, era de que qualquer mago decente os visse não iriam rir, mas sim, desmaiariam.

Um poder que tinha sido temperado com energia mágica e vitalidade escapava das armas que carregavam, como se estivessem a corroer o próprio ar dentro da sala.

Todos esses Fantasmas Nobres eram falsificações.

Mesmo assim, eram mais poderosos do que suas lendas originais.

"—— Clã Calatin: as Vinte e Oito Monstruosidades ——"

"Eles eram os guerreiros do mito Celta que cruzaram espadas com Cú Chulainn. Esse será o seu codinome."

Enquanto olhava para aquele poder esmagador, mas ainda estranho, com satisfação —

Ele — o chefe da polícia de Snowfield — estendeu os braços e emitiu uma declaração.

"Embora minhas palavras possam significar pouco, como chefe de polícia, eu lhes garanto. Como um mago, eu juro."

"Vocês são a justiça encarnada."

[1] Uma arma antiga que era vulgarmente chama de espingarda.

Ao ouvir isso, toda a linha de policiais prestou continência em perfeita harmonia. Como um, eles saudaram o chefe de polícia, que era seu Mestre, e ao mesmo tempo, seu líder.

E ao testemunhar essa ação, qualquer pessoa teria entendido.

Não eram meros policiais. Mais do que isso, eles haviam passado por algum treinamento especial além do que era comum para sua profissão.

Sua organização tinha estabelecido uma “rede” que abrangia a cidade inteira.

Tudo o que exigiam do Servo era seu talento de criação de Fantasmas Nobres, uma tarefa com a qual os magos sob seu controle estavam ajudando.

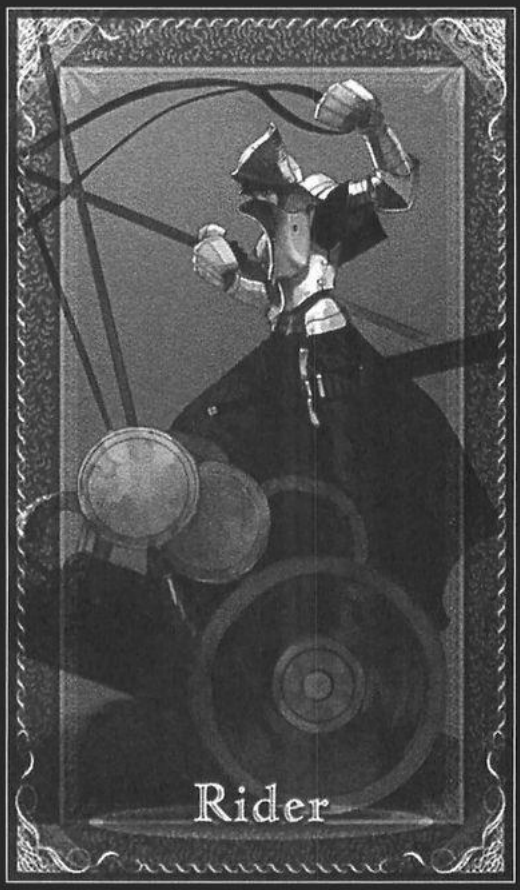
Em outras palavras—

Embora fossem meros seres humanos, derrotariam os Espíritos Heroicos, abalando os próprios alicerces da Guerra do Santo Graal.

No fim, que destino os aguardava —?

Aquela era uma história que o homem convocado como Caster ainda não tinha terminado de escrever.

ACT5 ライダー



Ato 5: Rider

Em conclusão, “ele” era um ser tão estranho quanto poderia ser.

“Ele” foi convocado para esta falsa Guerra do Santo Graal como um Servo da classe Rider.

“Sua” existência era a prova de que esta Guerra do Santo Graal era falsa. Prova de que não havia nada menos digno do título de “Santo Graal” do que o objeto desta Guerra.

Somente em nome “ele” era um Espírito Heroico e “ele” não era de forma alguma um Herói.

Então, um espírito vilão? Um espírito demoníaco? Não. Nenhum termo bastava para descrever “ele”. Em alguns lugares, “ele” foi descrito como uma “maldição”, enquanto em algumas religiões, “ele” foi dito ser um “castigo divino”.

Na Guerra do Santo Graal, Servos são selecionados do passado e do futuro — de todas as épocas da história da humanidade.

As classes em que os Servos são convocados transcendem o tempo. Um Herói do passado, conhecido apenas por meio da tradição, pode ser convocado, como pode um Herói do futuro, ainda não nascido neste mundo. Se a Guerra do Santo Graal existisse quando Amakusa Shirou[1] viveu, ele poderia até invocar seu futuro mais poderoso, um ícone do heroísmo.

[1] Amakusa Shirou foi um ronin japonês, líder da Rebelião Shimabara.

Nessa perspectiva — “ele” existia desde tempos imemoriais, e “ele” provavelmente continuaria a existir no futuro. “Ele” viveu uma vida mais curta do que qualquer um e “ele” viveu uma vida mais longa do que ninguém.

“Ele” — um ser de presença física, mas não um Espírito Heroico —

Mesmo neste exato momento — não há dúvida de que “ele” continua a tirar a vida daqueles que vivem neste planeta.

Talvez “ele” o faça para que “ele” possa “se” fornecer alimento para que a vida comece de novo.

× ×

Que lindo.

Assim pensou uma jovem menina enquanto olhava para o que se espreguiçava diante dela.

Era uma cidade que ela conhecia.

A cidade onde ela foi criada. Tantos edifícios se erguiam sobre ela, raspando o vasto céu com tanto vigor que pareciam prontos para engoli-la também.

Calçadas se reuniam em uma poderosa interseção. As principais estradas norte-sul e leste-oeste da cidade de Snowfield se encontravam lá, não muito longe do centro da cidade. De cima, as estradas pareceriam formar um enorme crucifixo, identificando o nexo da cidade.

Um observador que olhasse somente aquelas grandes estradas poderia pensar que está em uma cidade tão grande quanto Nova York ou Chicago. Na verdade, essas estradas passavam das bordas da cidade para os diversos ambientes naturais que rodeavam Snowfield com tanto ardor, era como se tivessem afirmado que faziam parte desses arredores — ou melhor, que eles eram de fato a perfeição de toda a natureza.

Mas — algo estava errado.

A garota achou esta cidade, esta cidade familiar, bonita justamente porque algo estava errado.

Ela estava no centro do enorme cruzamento no centro da cidade.

Era uma interseção que permitia que os pedestres a cruzassem em todos os sentidos — mas, é claro, o tráfego de veículos voltaria em algum ponto, forçando a sair da rua.

E, no entanto, ela permaneceu ali por mais de dez minutos.

Os semáforos haviam mudado várias vezes.

Mas — o silêncio reinou. Nenhum carro a tocou.

E isso era assim que deveria ser —

Pois não havia um único ser humano em qualquer lugar para ser visto.

Um cruzamento vazia.

Uma estrada desprovida de veículos.

Por acaso ela notou que tudo estava em silêncio? Mais uma vez, por acaso ela notou que não havia nenhum odor?

Do meio da estrada, era claro que as calçadas careciam de qualquer presença humana.

A menina imaginou um tapete vermelho de cor asfaltada, uma coisa muito contraditória. Ela estava sobrecarregada com a beleza do complexo de prédios altos diante dela.

Na ausência de pessoas, o concreto — esse símbolo da humanidade — parecia um belo objeto da natureza, surgido da superfície da Terra.

Se um edifício fosse uma árvore, que grande floresta harmoniosa seria essa cidade. Nesse caso, a torre da prefeitura, a mais alta de todas, seria a mais antiga entre elas.

Ela não sabia por que estava ali.

Então, ela vagou a cidade em busca de uma resposta.

Mas isso trouxe tristeza para ela.

Embora ela achasse este mundo bonito por sua falta de pessoas, ela também o achou solitário.

No início, não sentia nada a não ser solidão. Em de poucos dias, porém, ela tinha se acostumado com isso.

De fato. Ela vagou por uma cidade vazia por um longo, longo tempo.

Depois de cerca de três meses, ela parou de contar os dias.

Ela nunca foi atingida pela fome, embora não soubesse por quê. Durante o dia ela vagava pela cidade, e quando chegava o crepúsculo, ela dormia.

À noite, as luzes continuavam acesas nos prédios vazios. Ela olhava para o céu noturno e era confortada pelas estrelas. Poucas coisas são mais inquietantes do que as lâmpadas de um edifício vazio, mas ela já se acostumou, diante do absurdo de uma cidade sem ninguém.

Como a solidão partiu seu coração, o vazio era enchido pelo prazer que sentia de estar nesta cidade vazia.

Depois de olhar um pouco para a cidade, ela se deitou no meio do cruzamento e olhou distraidamente para o céu noturno

—— Papai. Mamãe.

Os rostos de seus pais vieram à mente.

—— Eu sinto muito. Eu não fiz isso direito.

Seu primeiro instinto foi pedir desculpas.

Mas então, ela percebeu que não estava fazendo nada que precisasse pedir desculpas, e —

Duas antigas emoções brotaram dentro dela.

Uma era a solidão da impossibilidade de encontrar outra pessoa.

A outra era —

× ×

Snowfield Hospital Central

Um edifício enorme estava no distrito central de Snowfield, coberto por pintura branca.

De relance, parecia muito com um museu de arte. Porém, era um grande hospital, equipado com os melhores equipamentos da cidade.

Era um castelo de cura. Multidões de pacientes batiam às portas, buscando tratamento de cirurgiões e todo tipo de especialistas.

Claro, nem todos os pacientes vieram para procedimentos agendados. Muitos foram trazidos para o hospital por outras razões.

"...Temo informá-lo que será difícil para sua filha recuperar a consciência deste estado", disse uma médica para um homem e uma mulher.

Eles se entreolharam. Provavelmente estavam em seus trinta anos, e pareciam ser do Leste Asiático. Eles pareciam mais do que um pouco perturbados.

"Nossa filha esteve hospitalizada por um ano inteiro ....Isso é um sinal de que sua condição tomou um rumo para o pior?", Perguntou o homem, em inglês fluente.

"...Fisicamente falando, não há sintomas que sugerem que a condição de sua filha está piorando. No entanto, torna-se mais difícil recuperar de um coma enquanto a duração do coma aumenta."

A paciente estava sob seus cuidados por um ano inteiro agora, e ainda não tinha que recuperado a consciência. Ela tinha entrado em estado vegetativo. Apenas seu corpo continuava a se desenvolver, e isso em um ritmo lento.

Ela tinha apenas dez anos e três meses de idade.

Quem sabe o que aconteceu com ela. Um dia, ela abruptamente perdeu a consciência e não acordou, e assim, seus pais aterrorizados, a trouxeram para este hospital.

Um exame revelou que seu corpo estava repleto de lesões, particularmente em torno de seu crânio.

Após a realização de uma biópsia em uma das lesões, verificou-se que eles foram causados por uma cepa desconhecida de bactérias. Os médicos entraram em pânico, temendo uma epidemia dentro do hospital.

No final, a bactéria acabou por não ser contagiosa, deixando como mistério a forma como a própria menina foi infectada. Os médicos consideraram um hospital com instalações ainda mais avançados para examiná-la, mas por alguma razão, eles não tiveram acesso, e assim, a menina permaneceu sob observação no hospital municipal.

“Não registramos alterações no estado da infestação bacteriana. Infelizmente, isso significa que as bactérias continuarão a impedir a sua função cerebral. As bactérias não causaram tanto dano para induzir necrose. No entanto, elas impediram severamente suas funções mentais.” A médica falou tão calmamente quanto podia.

“É isso mesmo...” respondeu a mulher, com preocupação permeando sua voz.

“Tenham em mente que isso não significa que a recuperação é impossível. Houve casos em que um paciente esteve em estado vegetativo por mais de 10 anos antes de recuperar a consciência. À medida que aprendemos mais sobre o genoma da bactéria, mais opções de tratamento ficarão disponíveis para nós. Por favor, não percam a esperança.” Ela estava fazendo o melhor possível para manter o ânimo, mas —

O pai da paciente parecia cada vez mais desconsolado.

“Não se preocupe com sua consciência... suas funções reprodutivas ainda estão intactas?” Ele perguntou.

“...Perdão?”

Por um momento, ela não entendeu o que estava sendo perguntado.

Ela simplesmente não conseguia compreender o que ele queria dizer com “não se preocupe com sua consciência”. Por um momento, houve um silêncio poderoso.

Em pouco tempo, o homem falou de novo, não querendo deixar que o silêncio se prolongue. Refazendo sua pergunta com mais detalhes, ele disse: “Gostaria de saber se seus ovários e útero — ou pelo menos seus ovários — estão se desenvolvendo normalmente”.

“Er... bem, as lesões estão apenas inibindo o crescimento na parte do cérebro à qual elas estão localizadas, então não houve efeitos adversos em seus outros órgãos, mas...” A médica acabou de lhes dizer os fatos, ainda incapaz de descobrir por que ele estava perguntando sobre isso. Mas —

Ao ouvir sua resposta, os pais da paciente olharam um para o outro mais uma vez. Seus rostos iluminados.

“Sério!? Bem, nesse caso, muito obrigado! Continuaremos a pagar as contas do hospital como temos feito, então por favor, continue cuidando da nossa filha!”

“Eu sinto Muito? Isso não é... quero dizer...”

“Estamos realmente gratos a você, doutora. Você entende, querido? Não precisa mais se preocupar com isso.”

“Certo, querida. Vamos nos retirar... precisamos fazer preparativos para esta noite.”

O jovem casal saiu do hospital em grande espírito, deixando para trás uma médica completamente perplexa.

Ela não tinha ideia do que seria apropriado dizer a eles, e assim, ela apenas os olhou enquanto eles partiam.

“Meu Deus... O que houve com eles...?”

Talvez o choque de encontrar sua filha comatosa os tivesse deixado confusos. A próxima vez que eles viessem para o hospital, ela teria que recomendar que eles participassem de aconselhamento.

Enquanto pensava no casal peculiar, atravessou a porta exterior para a sala estéril.

Depois de ser pulverizada com um gás desinfetante e esfregada com luz ultravioleta, a porta interior se abriu revelando uma cama de solteiro.

Na cama estava uma garota adormecida com um gotejamento IV.

Embora parecesse à primeira vista como se estivesse apenas adormecida, seu rosto estava magro e sem vida, e não parecia que pudesse recuperar a consciência.

"...Mesmo se seus pais a abandonarem, eu não o farei. Nunca vou desistir de você."

O único som que emanava da garota era o som de sua respiração. Quando a médica olhou para ela, verificou seu gotejamento IV e seus sinais vitais com uma determinação renovada.

E então — ela descobriu algo incomum.

"...oh?"

Ela notou a anormalidade enquanto ela estava reposicionando a menina.

Algo vermelho apareceu na mão direita da moça imóvel.

"O que... são esses...?"

Ela olhou mais de perto a mão da moça. Lá, ela viu sinais vermelhos que lembravam de laços de corrente.

"Uma tatuagem...? Mas quem?"

O acesso ao quarto da menina era estritamente controlado e não havia ninguém que pudesse trazer aparelhos de tatuagem para dentro. Além disso — quando ela tinha verificado a menina naquela mesma manhã, não havia nada fora do comum. Um calafrio percorreu sua espinha.

"Isso é... alguma brincadeira?"

E embora não houvesse maneira dela saber que os magos realmente existiam —

Essas marcas eram, sem dúvida, Selos de Comando.

× ×

A outra era —— uma mistura de dor e medo.

Ela ainda era uma menina, mas quando se lembrou do que seus pais tinham feito com ela quando era ainda mais jovem —

Certamente não foi crueldade. Em vez disso, era o amor racionalmente aplicado.

“”“Nós a transformaremos em uma maga ilustre.””

Eles a preencheram de amor enquanto falavam essas palavras. Embora fosse jovem, compreendia isso.

E, no entanto, a dor a dominou.

A dor a dor a dor dor dor dor dor dor dominou sua infância. Mesmo que ela deva ter tido memórias agradáveis, memórias felizes e memórias tristes, elas foram todas substituídas por uma dor esmagadora.

“Eu sinto muito. Eu vou fazer direito, então...”

Mesmo quando tentava esquecer, não conseguia superar a dor.

Se fosse mera crueldade, ela poderia ser capaz de selar tudo isso.

Infelizmente, ela realmente sentia que seus pais a amavam.

De fato, era por isso que não podia fugir. Ela não podia fazer nada a não ser sofrer por isso.

Desde jovem, ela acreditava que poderia retribuir o amor de seus pais com o sofrimento.

Infelizmente, ela não entendia que seus pais não a amavam como uma pessoa. Eles só a amavam como um meio para dar continuidade a sua linhagem — como o futuro deles no mundo da magia.

Seus pais carregavam um pedigree mágico, e estavam entre aqueles que criaram os mecanismos da verdadeira Guerra do Santo Graal.

O conhecimento que adquiriram era relevante não apenas para a Guerra do Santo Graal — eles também tinham adquirido parte do sistema de um determinado mago de entomomancy[1], e rapidamente adaptado para seu próprio uso.

Seu objetivo: desenvolver uma nova maneira de modificar a carne usando insetos ainda menores.

Depois de décadas de tentativa e erro — eles estavam finalmente a caminho de aperfeiçoar uma espécie de pseudo-entomomancy.

Eles usaram bactérias magicamente modificadas que melhorariam seu hospedeiro.

Se fossem usados corretamente no corpo de um jovem mago, eles amplificariam os Circuitos Mágicos dele. Esse era o plano.

Uma vez que tinham aperfeiçoado suas técnicas, escolheram sua primeira filha como seu primeiro objeto de testes. Ela experimentou uma grande agonia. Embora seu corpo mal fosse alterado, seus Circuitos Mágicos haviam sido amplificados demais.

À medida que crescia, seus Circuitos Mágicos se aproximaram da perfeição. Tudo o que restava era que ela herdasse a magia de sua família. Então, seu plano teria sido um sucesso perfeito, mas...

Infelizmente, eles perderam o controle de algumas bactérias, e assim, a menina ainda jovem foi privada de sua consciência.

A fim de garantir que fosse possível para sua filha sucedê-los, com seus circuitos mágicos amplificados, seus pais a hospitalizaram. Naturalmente, seus pais não tinham nenhum interesse nela como pessoa.

E então —

Ainda sem saber que seus pais a tinham abandonado, ela vagava sem parar no mundo dos seus sonhos, uma fenda entre a vida e a morte.

[1] Magia relacionada a insetos.

Talvez por causa de como a bactéria a modificou, seus sonhos eram muito mais realistas do que qualquer sonho comum. Porém, era apenas um mundo no qual ela não podia sentir o cheiro nem o sabor. Era apenas um sonho.

“Desculpe, sinto muito... sinto muito por ter sofrido...!”

Enquanto experimentava flashbacks em seu passado, ela gritou para o mundo vazio. Embora tivesse energia mágica, ela não tinha conhecimento. Ela era uma maga — mas uma impotente.

Em seu sonho, reuniu toda a força que tinha — e gritou e gritou.

Como se para apoiá-la, seu corpo alterado fez seus circuitos mágicos se agitarem no mundo de seus sonhos.

Como se reconhecessem que iam desaparecer; Como se fossem filhos gritando “Não me deixe!” — cada célula do seu corpo gritou.

“Eu vou fazer direito! Eu vou, vou suportar a dor!”

E embora ela não soubesse o que devia fazer direito —

“Então por favor, por favor, não me deixe! Não me deixe...!”

Então... ela viu um lampejo de luz.

Houve uma forte ventania — um rugido em um mundo sem som.

Ela não sabia o que estava acontecendo. Ficou de pé e olhou ao redor do cruzamento e —

Todas as estradas estavam cobertas por uma neblina negra.

Algo tinha mudado, mas ela não conseguia entender o que era.

Enquanto ficava ali, assustada, ela ouviu uma voz.

Era um som irritante, como o ruído de enxames de insetos lutando uns com os outros.

E, no entanto, eram palavras — palavras com significado.

“RESPONDA: VOCÊ É MINHA MESTRA?”

Ela não poderia saber o que essas palavras significavam, e mesmo assim —

Esse Servo era bizarro além da imaginação.

Para começar, “ele” não era uma pessoa — muito menos tinha a natureza de um herói.

Afinal, “ele” não era um ser humano em primeiro lugar.

No entanto, quando “ele” foi obteve conhecimento do Santo Graal, “ele” apareceu como um Servo, sob a forma de uma massa consciente.

“Ele” não tinha nem emoções nem mesmo pensamentos. “Ele” era uma mera massa de conhecimento sobre a Guerra do Santo Graal, criada pelo sistema — algo como um robô.

As palavras que “ele” falava eram como pavor encarnado, mas —

Ela não estava com medo.

Alguém estava lá, então ela não estaria mais sozinha. Alguma coisa havia mudado em seu mundo imutável.

Ela estava tão feliz com isso — que ela olhou para os arranha-céus encobertos pela neblina negra, e timidamente disse para “ele” seu nome.

“Quem é Você? Meu nome é Kuruoka Tsubaki.”

E assim, ela se tornou a primeira Mestra da falsa Guerra do Santo Graal.

Ninguém tinha como saber do contrato forjado em um sonho, e —

De fato, no mundo exterior, a menina permaneceu inconsciente.

× ×

Snowfield — residência dos Kuruoka.

“Já é hora de Faldeus emitir sua declaração.”

Depois de retornarem do hospital, os Kuruokas estavam de bom humor, se preparando para a cerimônia que iriam realizar naquela noite.

“As linhas espirituais desta área devem em breve estar em seu poder. Então, eu receberei meus feitiços de comando. Uma vez que os tiver, tudo estará no lugar.”

“Além disso, nós até preparamos um Fantasma Nobre como relíquia... e se precisássemos, poderíamos usá-lo como uma arma nós mesmos.”

“De fato poderíamos. Se quisermos chamar Shi Huangdi, devemos estar preparados para demonstrar um grau de respeito adequado.”

Sua filha não era uma questão para se discutir neste momento.

Aparentemente, eles estavam se preparando para convocar a figura mais célebre da história chinesa.

Infelizmente para eles, todas as suas preparações seriam infrutíferas.

Não porque sua filha inconsciente tivesse tomado os Selos de Comando que seriam deles.

Se essa fosse a única questão, eles poderiam ter recebido um conjunto diferente de Selos de Comando.

No final, eles não receberam nenhum Selo de Comando —

Mas eles receberam outra coisa.

Sentindo algo incomum, o marido olhou para o braço direito.

“Mm...?”

Havia uma mancha preta.

À primeira vista, parecia um hematoma. Ele franziu o cenho, se perguntando se tinha batido contra alguma coisa. Ele olhou para a esposa.

“Querida, o que você acha disso... hey !?”

Ele ficou chocado.

Manchas pretas semelhantes apareceram por todo o rosto e os braços — e então ela caiu no chão, como uma marionete cujas cordas haviam sido cortadas.

“H-hey...!?”

Ele tentou chegar a sua esposa, mas sua visão ficou embaçada. Tudo se dividiu em cores e desapareceu.

Quando percebeu que era ele quem estava caindo, já era tarde demais. Ele nem sequer tinha forças para se levantar.

Quando ele se chegou à beira da inconsciência, ele entendeu o que estava acontecendo.

A energia mágica estava sendo sugada para fora de seu corpo e levada para outro lugar.

Como não era a sua energia de vital que estava sendo roubada, ele não morreria por isso. No entanto, ele certamente ficaria paralisado.

—— Isso não pode ser.

—— Se alguém... nos atacar agora ...

—— Não, e se... alguém... já...

Mesmo quando ele caiu em uma escuridão eterna, sua mente estava cheia de pensamentos sobre a Guerra do Santo Graal. Nem uma vez sua filha atravessou sua mente.

E então, alguns minutos depois —

Ambos acordaram como se nada tivesse acontecido. Seus corpos ainda estavam cobertos por manchas negras.

“...Pensando nisso, hoje é o aniversário de Tsubaki, não é?”

“Ah, isso mesmo, querido! Tenho que fazer um bolo!”

Estavam incrivelmente indispostos e, no entanto, falavam calmamente. E sobre algo incomum para eles.

Na verdade, perderam qualquer personalidade que já tiveram e —

Eles se tornaram bonecos vivos, que viveram suas vidas alteradas exatamente como a filha deles queria.

× ×

Ela dançou com “ele”. Ela dançou com “ele”.

Para esquecer o tempo que ela passou acordada.

“Ele” dançou com ela. “Ele” dançou com ela.

Para lhe conceder todos os seus desejos.

“Yay! Obrigado! Papai! Mamãe!”

“Está tudo bem, Tsubaki. Você fez um bom trabalho.”

“Isso mesmo. Você é nosso tesouro precioso.”

Tendo recebido um presente tão maravilhoso, ela alegremente brincou pela sua casa.

Depois de se divertir um pouco, ela sorriu para a massa negra que estava ao lado dela.

“Obrigado por trazer minha mãe e meu pai aqui!”

O Servo nem sequer respondeu. Simplesmente continuou a existir.

As visões do mundo real foram projetadas em seus sonhos.

Talvez esse fosse o poder da energia que floresceu dentro dela enquanto estava inconsciente. Dado que é impossível afetar o mundo real de dentro de um sonho, a magia usada para projetar o mundo real nos

sonhos era inútil. Uma linha de pesquisa que poucos magos se preocuparam em perseguir.

O Servo apenas facilitou a magia inconsciente da menina.

“Ele” manipulou seus pais no mundo real para que eles se comportassem exatamente como ela queria.

Claro, “ele” também absorveu sua energia mágica. “Seus” instintos o obrigaram a fazê-lo.

“Ele” não conseguia entender as emoções humanas. “Ele” apenas possuía conhecimento.

E, de fato, por causa disso, e por causa da grande força que “ele” tinha, “ele” fez da garota a maior e pior surpresa da Guerra do Santo Graal.

“Ele” cavalgou sobre o vento, as águas, os pássaros, as pessoas —

Por isso, era apropriado “ele” ser da classe Rider, pois “ele” tinha montado no caminho para o domínio sobre o mundo.

Muito mais importante, no entanto —

“Ele” era uma personificação da calamidade, e as pessoas deram a “ele” um pseudônimo que refletia isso. Talvez essa atribuição falsa de personalidade a “ele” fosse a razão mais importante do porque “ele” foi convocado como Rider.

Uma vez, “ele” soltou a Peste Negra, que matou trinta milhões,

Outra vez, sob o nome da Gripe Espanhola, “ele” matou cinquenta milhões.

“Ele” foi o cavaleiro que trouxe a calamidade a todos. Seu pseudônimo: Peste.

Mas se alguém reconheceria o “seu” nome, ou até mesmo, que “ele” havia sido convocado como Servo em primeiro lugar, era algo que —

De qualquer maneira, a falsa Guerra do Santo Graal estava finalmente a caminho de se tornar um turbilhão caótico.

ACT6 ランサー

Ato 6: Lancer

A floresta era profunda — muito profunda —

Parecia ter caído num pântano sem fundo.

—— corra

—— corra —— corra

—— corra —— corra —— corra

Ele atravessou a floresta, cortando a noite.

Será que ele realmente pensou sobre por que exatamente estava correndo? Talvez.

Suas ações podiam ser descritas simplesmente como “fugir”, mas ele não tinha tempo para pensar e correr ao mesmo tempo.

Poderíamos dizer que a razão pela qual ele estava “fugindo”—

Em outras palavras, o desejo de “viver”, foi o que o fez avançar.

Ele agiu por instinto, não por razão.

Ele era impulsivo, não racional.

Ele nem sabia para onde deveria fugir. Simplesmente seguiu em frente sem parar.

Há quanto tempo ele estava correndo?

A cada passo, suas pernas gritavam em agonia. A dor irradiava por todo o corpo sem ser atenuada.

Mas tinha que continuar. Seu corpo não queria parar, nem sua mente.

Talvez as endorfinas já tivessem se esgotado. Ondas de dor percorriam o seu corpo sem serem atenuadas, de novo e de novo e —

————————?

Seu instinto feroz era forte o suficiente para superar isso.

Árvores passavam por ele como uma brisa, e na verdade, da forma como ele corria pela floresta, era como se ele próprio se tornasse o vento. Justo quando estava prestes a chegar ao fim da brisa —

Uma bala magicamente alterada atravessou o vento.

“?!”

Antes mesmo de sentir dor, seu corpo foi dominado pelo choque.

Seu ímpeto o levou até o chão. A terra bateu impiedosamente contra seu corpo. Como se fosse uma vingança pela maneira como suas pernas chutavam no chão enquanto corria, a terra se tornou uma arma e bateu nele.

“ — — — ?!”

Um grito inaudível.

Por mais que tentasse se levantar, as convulsões que dominavam seu corpo o impediam.

Quando sua mente sentiu seu corpo gritar de dor, seu ouvido ouviu uma voz silenciosa ecoar.

“...você me deu um pouco de dificuldade.” O orador parecia calmo, mas havia indícios claros de que ele estava irritado.

O homem, que parecia um mago, abaixou seu revólver e pisou cuidadosamente no estômago do fugitivo caído — e então empurrou o cano ainda quente do revólver para o ferimento aberto de bala.

Se ouviu um som sibilante quando a carne do fugitivo foi queimada. O cheiro de carne chamuscada ecoava na floresta.

O fugitivo abriu a boca mais do que deveria ser possível e exalou o ar úmido das profundezas de sua garganta.

“Isso é absurdo. De todas as coisas que poderiam ocorrer, você recebeu os Selos de Comando! Que farsa!”

O fugitivo gritou silenciosamente enquanto se debatia. Certamente havia marcas em forma de corrente em seu corpo que pareciam Selos de Comando.

“Por que você acha que me dei ao trabalho de criar você? Por que acha que amplifiquei seus Circuitos Mágicos até o limite? Por que acha que deixei você viver tanto tempo?”

O mago balançou a cabeça em silêncio e chutou o fugitivo — ainda se contorcendo de dor — como uma bola de futebol.

“...Para ganhar a Guerra do Santo Graal, devo convocar um ser que transcenda todos os Heróis.”

Ele caminhou até o fugitivo — e pisou em seu rosto novamente.

“Se eu não convocar um ser que exceda todo Herói — um ser que tem poder para ser chamado de deus — não posso esperar derrotar aqueles Heróis que se dizem reis.”

E de novo.

“E se chegou a esse ponto... não tenho escolha senão convocar um ser mais antigo do que o primeiro Herói — um daqueles do Egito que se tornaram deuses.”

E ele o pisou.

“Mas mesmo o poder dos Selos de Comando, combinado com o poder latente desta terra, não basta para chamar um ser tão poderoso como um deus. Eu também devo violar algumas restrições para obter isso.”

E o esmagou.

“E você — você deveria ser meu catalisador! Um catalizador para convocar um deus! Por que você recusaria essa honra!? Você pagou minha bondade com malícia!”

O fugitivo não podia nem tentar gritar. Ele mal podia ver com a escuridão da noite e o vermelho se espalhando do seu próprio sangue.

E ainda assim —

Mesmo se a respiração se tornasse dolorosa —

Enquanto bebia o sangue que derramava de sua garganta, ele tentou se levantar.

Ao ver o fugitivo que não estava disposto a admitir a derrota, o mago suspirou e —

Ele pôs o pé sobre as costas do fugitivo e, impiedosamente, esmagou o fugitivo sob seu peso.

“Chega disso. Tenho várias peças de reposição prontas... Você me devolverá os Selos de Comando. E então, você vai morrer. E morrerá do jeito que eu quiser. Vou jogá-lo em uma fornalha e usar seus restos para criar um novo espécime.”

Ele estendeu a mão direita para os Selos de Comando do fugitivo.

O fugitivo não se importava com os Selos de Comando.

Ele nem sequer conhecia a frase “Guerra do Sando Graal”, muito menos o seu significado.

—— viver.

Ele, como ser vivo, apenas obedecia aos instintos que brotavam dentro dele.

—— viver —— viver

Mesmo assim, à medida que o fim se aproximava, esses instintos não diminuíam.

—— viver. viver. viver.

— Era tudo o que pensava.

—— viver. viver. viver. viver viver viver viver

—— viver. viver. viver. viver viver viver viver

viver. viver. viver. viver. viver. viver. viver.

viver viver viver viver viver viver viver viver viver viver

viver viver viver viver viver viver viver viver viver

viver viver viver viver viver viver viver viver viver viver

viver viver viver viver viver viver viver viver viver

viver viver viver viver viver viver viver viver viver viver

viver viver viver viver viver viver viver viver viver viver

viver viver viver viver viver viver viver viver viver viver

viver viver viver viver viver viver viver viver viver viver

viver viver viver viver viver viver viver viver viver viver

viver viver viver viver viver viver viver viver ——

— viver!

Não era uma “Eu não quero morrer.”

Nem era “eu quero viver”.

Não era um desejo, mas um simples instinto.

A mera esperança de “viver”.

Teria ele percebido essa distinção? Ou —

Então, ele pelo menos tem os meios para expressar “Eu não quero morrer”?

Seu corpo lentamente parava, mas —

De todos os seres vivos de Snowfield, sua vontade era a mais forte. E com aquela vontade poderosa, ele gritou.

“_____”

O mago não percebeu o que aquele grito significava — e assim, ele não notou:

Que naquele instante, o ritual estava completo.

Que o grito do fugitivo era apenas dele. Que era sua própria forma de magia. Que eram palavras de convocação.

Isso, o mago não sabia.

Há pouco tempo atrás, o quinto Servo foi convocado na ravina ao norte, e —

Parecia que o falso Santo Graal estava um pouco apressado para manifestar o sexto Servo.

Naturalmente, desde o início desta Guerra do Santo Graal, com a convocação de Rider, a natureza do ritual era bastante vaga.

Mas, em todo caso, foi nesse momento que —

O sexto Servo finalmente surgiu sobre as florestas de Snowfield.

Uma luz brilhante atravessou a floresta, e um poderoso turbilhão balançou as árvores próximas.

O mago foi atirado a poucos metros pelo vento forte. Assustado, ele preparou sua arma — mas, naquele momento, sentiu uma enorme quantidade de energia mágica e, assim, fortaleceu seus Circuitos Mágicos.

“O qu...”

Diante dos seus olhos, um ser apareceu, vestido com um simples pedaço de pano.

Que o ser era um Espírito Heroico era claramente evidente a partir da energia mágica esmagadora que fluía dele.

Ao mesmo tempo, havia algo incomum nisso.

Parecia muito simples para ser um herói.

Não parecia ter nada que pudesse realmente ser chamado de "equipamento", e sua roupa parecia um pouco gasta. Claro, não é como se o valor de um Herói dependesse do valor de suas posses materiais, mas — mesmo assim, que tipo de Herói não teria uma única arma?

Ele calmamente examinou o ser.

—— Uma mulher?

Baseado apenas em seu rosto, ele poderia chamá-lo de mulher.

Tinha pele lustrosa e características suaves.

No entanto, seu peito e seus quadris estavam ocultos pelo pano solto que usava. Só seus membros se estendiam para fora do tecido, e pareciam firmes e tensos.

—— N-não, espere... poderia ser um homem.... ...? Qual deles...?

O rosto do Servo parecia ter alguns traços vagamente infantis, tornando mais fácil confundir com homem ou mulher. De qualquer maneira, seu corpo era firme. Estava tenso como uma mola espiralada, e provavelmente poderia disparar da mesma maneira. Isso estava muito claro. Homem ou mulher, seu rosto era bonito do mesmo jeito.

—— É... isto é... isto é mesmo um... um humano?

O mago sentiu uma pontada de embaraço.

Certamente tinha um rosto humano, mas havia algo desconfortável sobre ele. Ele não conseguia descobrir como descrevê-lo, mas definitivamente havia algo de errado com ele. Talvez fosse perfeito demais. Não havia nada fora do comum, mas todo o seu corpo exalava uma aura estranha — como um manequim. Era como se fosse uma marionete, no sentido mágico.

Ele não conseguia entender a sua construção, talvez por causa de suas roupas soltas. Tornou-se cada mais incerto se o Espírito Heroico era um homem ou uma mulher, ou mesmo se era um ser humano ou algo completamente diferente.

No entanto, uma coisa era certa.

Esse herói era irresistivelmente lindo.

Era um ser paradoxal, possuindo tanto a impureza característica da humanidade como a pureza inerente à natureza.

Seu corpo era como os ramos aveludados que envolviam a estátua de Vênus. Era como se a forma do Espírito Heroico desafiasse a classificação de homem ou mulher, ser humano ou animal, deus ou demônio.

Com a floresta de fundo, o Espírito Heroico, um ser de perfeita harmonia, deixou seus cabelos lustrosos ondularem no vento e —

"Você é... o Mestre que me chamou?" Perguntou ao fugitivo ferido, esparramado no chão diante dele.

Ah, que voz gentil.

Sua voz também era andrógina. No final, o mago nunca compreenderia sua verdadeira identidade.

O fugitivo ficou perplexo com o súbito clarão de luz e a rajada de vento que acompanhava sua aparência, mas quando o olhou, sabia.

—— Aquele que está diante de mim não é meu inimigo.

Ele sabia que isso era uma verdade absoluta.

Por um breve instante, ele suprimiu seu desejo de fugir e olhou atentamente para o seu salvador.

Seus olhos eram tão puros, como se estivesse imaginando o que estava dentro da própria alma do Espírito Heroico.

Ajoelhou-se em silêncio enquanto o fugitivo cambaleava até seus pés, de modo que pudesse olhá-lo nos olhos e —

"____ ____ _____" ele falou com palavras que o mago não conseguiu entender.

O fugitivo respondeu.

"_____ _____" silenciosamente.

E então, o Espírito Heroico estendeu a mão e levantou o fugitivo ferido para ele braços.

“Obrigado. Nós formamos um contrato.”

Falava como se fosse para um amigo de longa data — e assim, o fugitivo sentia alívio.

Ele recebeu a vida. Seu coração inchou de emoção.

Ele sabia que não teria mais que fugir — e, finalmente, poderia relaxar.

“Im... possível... impossível! Isto não pode ser!” Seus gritos ecoaram sobre a floresta.

Incapaz de entender o que estava vendo, o mago acenou com a arma.

“Isto é um absurdo! Eu não vou tolerar isso!” Ele gritou enquanto apontava a arma.

E na sua mira estava —

Um lobo prateado, sua pele manchada de sangue e sujeira, descansando nos braços do Herói.

“Sua besta! Isto... não tem nem habilidades para falar! Você é apenas uma quimera! E *você* é um *Mestre*!? Não posso acreditar!”

O mago continuou a brandir ferozmente sua arma, mirando com cuidado.

“Por favor, baixe a sua arma. Meu Mestre não deseja que se machuque.” Disse o Espírito Heroico, calmamente.

“O qu...”

Ele ficou surpreso com a polidez com que falou, mas mais importante ainda, ele estava perturbado pelo conteúdo de sua declaração.

“Como! Que ridículo...”

“Eu posso entender a linguagem da sua espécie... mas em todo caso, não é difícil imaginar o que você fez ao meu Mestre.”

O mago tentou zombar do Servo, mas ele continuou a falar, uma expressão solene em seu rosto. “E, no entanto, meu Mestre não deseja que você se machuque... Entende o que isso significa?”

Com isso, se afastou do mago e começou a caminhar lentamente para fora da floresta.

“E-espera! Por favor, espere! Você deseja o Santo Graal, não é?! Você não concordaria que teria uma melhor chance de atingir o Graal se eu fosse seu Mestre, ao invés de um sarnento?”

E quando o Espírito Heroico ouviu isso, parou de andar e —

Ele se virou.

Isso foi tudo.

Imediatamente — o mago soltou um grito curto. Com a arma ainda na mão, ele virou as costas para o Espírito Heroico e o lobo e fugiu pela a floresta.

Tão impressionante era o poder de rejeição no olhar do Espírito Heroico.

Quando o mago desapareceu de sua vista, removeu a aspereza dos seus olhos e seguiu para o rio para curar o animal que aceitou como seu Mestre.

Não podia ouvir o som da água corrente, nem podia ver, mas —

Mesmo assim, podia sentir a presença de água lá fora. E então ——

Ele saltou do chão, segurando suavemente o lobo em seu peito, atravessando da floresta tão rápido quanto um falcão.

× ×

Enquanto corria pela floresta, o mago gritou internamente.

—— aa aAA aaaaAAA AAaaaAAAaAAAAaa aaAaa ——

Ele, que tinha sido o caçador, mas agora estava sendo caçado enquanto fazia seu caminho por entre as árvores.

—— Por quê!

—— Por quê! Por quê! Por quê, por quê, POR QUÊ!?

—— Por que isso foi... aquele animal!

—— Por que não eu?!

Nem o Espírito Heroico nem o lobo prateado o perseguiam.

Ele sabia disso e, no entanto, fugiu o mais rápido que suas pernas permitiam.

Ele fugiu da vergonha insuportável e da realidade inalterável que o seguia.

Depois de correr por um tempo, o mago percebeu que, em algum momento, saiu da floresta — e se lembrou que seu ateliê estava por perto.

Finalmente, ele foi capaz de deixar suas pernas relaxarem.

E então, quando parou completamente, virou para encarar a floresta.

“Apenas... o que era aquele Espírito Heroico?” Ele perguntou, conversando consigo mesmo.

Ele havia refinado toda a magia que ele e seus antepassados tinham desenvolvido para criar aquela quimera. Seu corpo continha muito mais Circuitos Mágicos do que o de qualquer mago comum. Seu tempo de vida — tanto como uma oferenda quanto como um ser vivo — era extremamente curto, mas isso estava correto, pois era apenas um catalisador a ser usado para invocar um Espírito Heroico.

No entanto, ele, entre todas as opções, recebeu os Selos de Comando.

Mesmo com toda a sua experiência como mago, ele não conseguia entender como uma mera besta — uma que não entendia o que *era* a Guerra do Santo Graal — poderia se tornar um Mestre.

"Era um Herói com alguma ligação com animais...? Mas isso era apenas uma quimera — nem mesmo um animal. Era uma marionete de carne. Talvez fosse um herói com alguma conexão com... quimeras...?"

Dado que o lobo parecia um cão, o mago também considerou a possibilidade de que o Servo poderia ter sido o cão dos Celtas. Porém, ele não conseguiu assimilar a imagem que tinha do guerreiro feroz com o que viu do Espírito Heroico.

"Tsk... bem, que seja. Vou apenas ter que roubar seus Selos de Comando. Não, na verdade, qualquer Selo de Comando deve servir. É melhor eu começar. Se usar o resto de minhas quimeras quando eles entrarem na cidade, eu devo ser capaz de me livrar dessa besta..."

Ele já estava de bom humor, com seus sentidos no lugar.

Ele realmente era digno de louvor como mago.

Infelizmente, não era um elogio que o esperava, mas —

"Não, senhor, certamente não podemos permitir isso."

"? ——?. ...?!?"

"Preferimos não ter mais fontes de incerteza. Minhas mais *humildes* desculpas." Essas palavras frias o congelaram por dentro.

"——" O mago abriu a boca para perguntar quem estava lá. De sua garganta não vinham palavras, mas sangue quente e vermelho.

"Nós já temos magos vagando pela cidade que não manifestaram nenhum Selo de Comando. Seria complicado se você saísse por aí causando problemas *para* a Guerra do Santo Graal. A Associação e a Igreja já são problemas suficientes. Não podemos ter o luxo de irritar da milícia, entende. Afinal de contas, *são* funcionários públicos."

Ao ouvi-lo falar, o mago percebeu que o homem que estava diante dele era o homem que foi discípulo do mestre de marionetes Rohngall — um homem da Associação chamado Faldeus.

Naturalmente, mais importante para o mago do que as afiliações de Faldeus era a questão de como parar o sangue que saía do seu pescoço.

“Oh, não, nem tente. Apenas aceite. Não tenho nenhum desejo particular de responder às suas perguntas, nem planejo deixá-lo viver. Sendo assim, tomei a liberdade de cortar sua garganta.”

Faldeus girou lentamente uma faca militar suíça na mão. Gotas vermelhas pingaram dele. Não era uma arma de ritual, do tipo tipicamente usado pelos magos, mas sim, uma faca comum, do tipo que se poderia encontrar em uma loja qualquer.

“Tut-tut. Mesmo que não estivesse esperando por isso, você não devia ser vítima de uma faca tão sem graça. Seus ancestrais devem estar chorando.”

“—. ——.” Um som de chiado veio da garganta do mago, mas ele foi incapaz de respirar.

Ele estava rapidamente perdendo a consciência.

“...pensando bem, *quem* é você, afinal? Eh, tanto faz. Não tem como você me responder mesmo” disse Faldeus.

Enquanto Faldeus desdenhava do mago, alerta como sempre, ele acenou lentamente com a mão direita.

O mago sentiu um choque.

E esse era o fim. A consciência do mago se foi para nunca mais voltar.

Quando Faldeus acenou com a mão, inúmeras balas voaram pelo ar e alvejaram o corpo do mago.

Diante dessa visão sangrenta, Faldeus permaneceu sem emoção.

Talvez porque ele não podia sequer imaginar a possibilidade de que uma bala perdida iria atingi-lo, ele nem sequer alterava a respiração quando as balas corriam na frente dele.

Assim como na vez com Rohngall, os tiros foram abafados. Uma força de chumbo destroçou o que tinha sido o corpo do mago.

Quando cerca de metade do mago se foi, Faldeus acenou a mão novamente.

Em menos de um segundo, a chuva de balas cessou. Faldeus se sentou em uma rocha próxima. Sua expressão finalmente suavizou um pouco.

“Eu imploro seu perdão. Eu sou uma espécie de caixa falante, sabe. Eu nunca sei quando vou vazar informações confidenciais, então realmente não posso ter uma boa conversa a menos que esteja falando com um cadáver.” Ele disse com cortesia ao pedaço de carne, que, naturalmente, não podia ouvir, muito menos entendê-lo.

“Devo dizer, estou um pouco preocupado com o que os Kuruokas convocaram.... E, para ser honesto, você fez uma bagunça enorme. Acabei de dar uma olhada no seu ateliê, e... bem, fico espantado que tentasse convocar algo ao nível de um deus. Isso é uma afronta ao sistema. Você não sabia disso? As guerras têm regras também.” Faldeus falou fluidamente e por um bom tempo, agora que ele estava falando com um cadáver. Sua relutância havia desaparecido completamente.

“Mesmo que todo esse negócio seja uma espécie de teste para nós, realmente precisamos que vocês tenham um pouco de autocontrole.”

Ao contrário de quando ele tinha a marionete de Rohngall destruída, ele não tinha um exército de subordinados que o rodeavam. Além disso, ele estava falando em um cadáver real, não um mero fantoche.

“Eu dei uma olhada nas filmagens que fizemos na floresta... E, bem, é incrível que ele — bem, talvez ela, então por que não vamos com ‘aquilo’? ...Em todo caso, é incrível que pôde ser convocado como um Espírito Heroico. Se tivesse conseguido chamá-lo como Berserker, poderia muito bem ter adquirido o poder de um deus que desejou.”

Parecia que Faldeus realmente estava surpreso com o que viu, como evidenciado pelo seu estado emocional.

Talvez tenha sido uma agradável surpresa para ele. Um sorriso percorreu seu rosto.

“Bem, o sistema não deve permitir isso, mas como há anomalias em toda parte, eu não colocaria muita fé nisso. Por Júpiter, alguém poderia até ter convocado algo indizível em um esconderijo secreto em algum lugar. Mas então, aquela coisa que seu pet convocou é bastante absurda.” Faldeus gesticulou enquanto falava, como se estivesse falando com um velho amigo. Com um cadáver no chão diante dele, ele falou para si mesmo, de modo a reforçar sua própria compreensão da situação.

“Para começar, nunca foi exatamente um herói...”

“Era mais como um Fantasma Nobre dos próprios deuses.”

× ×

Claro, aquele Herói tinha o corpo de um ser humano.

No entanto, não era humano.

Há muito tempo, os deuses criaram um boneco de barro e o enviaram à terra para dentro de uma floresta. Aquele boneco não era nem macho nem fêmea. Em vez disso, era espectral.

Faltava conhecimento humano, e assim ele vagou pela a floresta como uma besta.

No entanto, tinha um poder que superava a compreensão humana. Quando estava enfurecido, dizia-se que era mais poderoso do que o Herói que governava um certo reino na época.

Aquele rei riu com desprezo. “Jamais meu poder poderia ser comparado com o de uma besta.” Disse, se recusando a olhá-lo.

O rei acreditava em seu poder supremo. Que não poderia haver um ser mais forte do que ele. Assim, o rei riu rumores da besta.

Quando aquela besta encontrou uma certa prostituta festejando, entretanto, seus destinos mudaram para sempre.

Quando aquela massa de argila sem gênero encontrou aquela mulher cuja beleza transcendia o gênero, se apaixonou à primeira vista.

Enquanto passaram seis dias e sete noites juntos, compartilhando refeições e uma cama, o boneco de argila lentamente assumiu uma forma humana, como se imitasse aquela bela prostituta.

A ignorante besta de argila tentou assumir a beleza dessa prostituta.

Quando ela fez dessa beleza paradoxal sua, o boneco de argila perdeu muito de sua força. Em troca, ganhou a sabedoria e mente humanas.

Embora tivesse perdido muito de sua divindade —

Seu poder ainda excedia em muito o do homem.

E então, o boneco, agora dotado do corpo e da sabedoria de um ser humano, estava diante do poderoso rei.

Eles lutaram uma batalha que abalou os céus e a terra, e uma vez que a batalha terminou, cada um reconheceu a força do outro.

O rei dourado e o boneco de argila.

Certamente, não poderia haver seres mais distantes do que eles. No entanto, cada um se tornou o único amigo do outro. Eles embarcaram em incontáveis aventuras, compartilhando a dor e o prazer.

E então, milênios depois daqueles dias dourados e terrenos —

Seus destinos mudaram para sempre mais uma vez ——

× ×

Em um rio a dez quilômetros de distância, o Espírito Heroico tratou as feridas do lobo prateado — seu Mestre — e o deitou para descansar.

“Devo dizer... estou aliviado. Eu estava preocupado que o mundo inteiro tinha sido enterrado como Uruk, mas parece que o mundo está tão bonito como sempre.”

Olhou para o vasto deserto diante dele. Usando a linguagem das bestas, descreveu o mundo para seu Mestre que estava ao seu lado.

No entanto, seu Mestre já estava em sono profundo e não respondeu.

Rindo suavemente, ele se entregou ao som da água, quando —

De repente, virou-se para olhar para o norte.

Usando a habilidade da sua classe, Presence Detection — ele detectou uma presença muito, muito ao norte. Uma presença muito familiar.

Detectou um Espírito Heroico dourado saindo da caverna.

"Poderia ser—"

Incapaz de acreditar no que o destino tinha feito, abriu os olhos e —

"...é você?"

Era certo que a presença que sentia ao norte não era outra senão do rei que conhecia. Lentamente ele se levantou.

Um breve silêncio.

Nesse momento, o que passou pela sua mente?

Perplexidade.

Consternação.

E, finalmente — uma alegria imensa.

Não só o destino os trouxe para a Guerra do Santo Graal, mas também lhes proporcionou outra oportunidade de terem um combate mortal.

O que mais?

Mesmo que arrancasse sua cabeça e perfurasse seu coração, o que?

Os laços que os prendiam não desapareceriam com um duelo ou dois.

Não, mesmo que se matassem milhares de vezes, se manteriam fortes.

"Haha..."

Um sorriso muito natural aparecer em seu rosto. Abriu os braços e...

"Que divertido seria... continuar o duelo que travamos."

De braços estendidos, cantava poderosamente, do núcleo do seu ser.

Era uma voz suave.

O herói Enkidu.

Sua música sacudiu a própria terra, tornando-se uma bela ondulação da terra que alcançou cada parte da área de Snowfield.

Isso era prova de que todos os Servos haviam chegado —

E também era um sinal para iniciar a batalha.

Todos os magos e Espíritos Heroicos haviam se reunido nesse falso palco.

Eles procuravam seguir o ritmo — apesar de saber que esta Guerra do Santo Graal era falsa.

Verdade e falsidade eram secundários aos seus desejos.

Eles não lutavam pelo Santo Graal, mas por suas convicções ——

Era uma Guerra do Santo Graal apenas para eles.

Essa foi a centelha que começou a guerra....

Epílogo: Player

Você veio para a cidade de Snowfield como um turista, inconsciente do grito de guerra que quase dividiu a terra meio dia antes.

Você entrou em uma farmácia perto da entrada da cidade e perguntou se havia algum hotel barato nas proximidades.

O companheiro do balcão tinha um moicano. Entretanto, sua natureza amigável sua aparência desmentia. Ele indicou alguns hotéis para você. Ele também mencionou alguns motéis nas proximidades, mas você educadamente recusou suas sugestões.

O homem com o moicano o olhou curiosamente. Ele olhou para suas mãos e pescoço.

“Ei, essas tatuagens são maneiras, amigo.” Ele murmurou.

Você se forçou a rir do comentário, quando saiu da loja olhou para suas próprias mãos.

Em sua mão esquerda e mão direita, marcas idênticas estavam presentes.

Mas você já sabia disso.

Marcas estavam inscritas em seus ombros e costas.

Um vagabundo que entrou em Snowfield no meio de uma guerra, carregando cinco Selos de Comando: esse é você.

Você pode ser um homem, ou talvez uma mulher.

Sua etnia e constituição são desconhecidos por todos.

Poderia ser um criminoso, ou um santo, ou um falsário.

Pode estar no final da adolescência ou em seus vinte e poucos anos.

Tem a liberdade de decidir o que quer fazer neste lugar.

Você pode encontrar o rei dourado e a garota de pele escura.

Você pode encontrar o mago que carece de malícia e o assassino que não tem um corpo.

Você pode encontrar uma mulher devota e o vampiro que a persegue.

Você pode ser preso por aqueles inúmeros policiais com armas bizarras.

Você pode ser capturado no sonho da menina doente.

Você pode encontrar uma besta nobre e o Espírito Heroico que está ao seu lado.

Você pode optar por lutar ao lado de qualquer um deles, ou escolher matá-los.

Traição, confiança, emboscada, fuga. Está tudo nas tuas mãos.

Você pode destruir tudo o que encontrar. Você pode salvar tudo o que encontrar.

No entanto, você está limitado por certas restrições.

Regra: Não é possível entrar em prédios com elevadores.

Regra: De vez em quando, terá visões de uma menina ensanguentada.

Regra: Uma vez, você morou em Fuyuki, no Japão.

Regra: Parece que você estava fugindo de *alguma coisa* quando veio para a América.

Dependendo do que fizer, você pode ou não superar esses obstáculos.

Mas não importa o quê, você não pode escapar de seus Selos de Comando.

Você sabe que fugir resultará em sua morte. Esse conhecimento está enraizado em seu corpo.

Você está conectado a vários espíritos Heroicos por seus Selos de Comando.

Ao contrário de outros Servos, seus Servos não podem ser convocados continuamente.

Se você usar o seu poder para chamar um servo, você perderá um Selo de Comando e a proteção que ele oferecia.

Você tem acesso a cinco Servos de uma só vez.

Dependendo de como os usa, você pode aniquilar todos os outros Servos.

De fato, você —

Você veio a esta cidade para preencher a lacuna deixada pela classe de Saber perdida.

No entanto, você não é um mago. Você é um simples humano.

Quanto ao motivo pelo qual você está nesta situação —

Começou há três dias —

Talvez devêssemos começar quando você conheceu uma certa mulher em Las Vegas.

Depois que ela forçou você a aceitar os Selos de Comando, ela sussurrou.

“Para acabar com tudo que surgiu como resultado da Quinta Guerra...”

“Para que tudo vire nada — incluindo os sacrifícios que foram feitos”

“Para alcançar tudo isso, vamos aproveitar o falso Santo Graal”.

Não está claro o quanto você entendeu das coisas que ela disse.

Você apenas se lembra que ela era incomumente bela.

Era como um conto de fadas. Ela, com seus cabelos brancos e sua pele pálida, trouxe você até aqui, e então ————

Uma vez que já criou seu personagem, o resto da história pode ocorrer durante o jogo!

Posfácio

Olá a todos — sou Narita Ryohgo, o autor deste volume de bônus.

Tenho certeza de que todos vocês, fãs de *Fate*, estão se perguntando "Quem diabos é esse cara?", e para ser honesto, estou um pouco encabulado agora mesmo — mas de qualquer forma, deixe-me apenas dizer oi, por enquanto.

Quando eu conheci Nasu, o roteirista de *Fate*, eu estava lendo *Kara no Kyoukai* e ainda não tinha começado a jogar *Fate*, mas — quando eu joguei a versão do PS2, fiquei impressionado pelo quão interessante era, e rapidamente fiquei envolvido no mundo da Type-Moon.

Tenho certeza de que muitos fãs pensaram em criar seus próprios Servos. Quanto a mim, entrei em contato com meu bom amigo Nasu e contei a ele sobre minhas ideias. Eu realmente sou fã de uma dor-no-pescoço ultrajante. Eu sou assim mesmo.

Oh, apenas me lembrei de uma coisa mais terrível que fiz como fã.

"Ei, enquanto estou empolgado, por que não faço uma brincadeira de 1º de Abril com isso?"

Isso é como dizer "Bem, o tempo está bom hoje, então eu vou dar uma corrida na praça". Sem pensar muito, escrevi uma história sobre os Servos que inventei e depois enviei para o meu site pessoal como "Prólogo de *Fake*: um novo jogo". E aquilo se tornou essa história.

E depois? O pessoal da Type-Moon colocou um link para isso em seu site e dentro de 24 horas eu tinha chegado a 300.000 acessos. Foi louco!

Eu nunca esperei isso... mas acho que algumas coisas simplesmente acontecem. Aquele rei dourado apareceu diante de mim. Minha mera existência seria desrespeitosa o bastante para fazer com que o Rei me matasse? Meu nervosismo era desse jeito.

Lembre-se, esta novel foi escrita como o prólogo de um jogo. Tudo daqui para a frente depende de você, queridos leitores e jogadores. Você tem a liberdade de se movimentar pela cidade, de negociar com os outros Mestres, ou traí-los. E assim, esta história está cheia de possibilidades infinitas — quem sabe como será a sua conclusão?

Eu pensei sobre algumas coisas como a rota "Todos os Mestres Sobrevivem"; a rota "Mate-como-uma-Criança"; "Rei Gil vs Enkidu", e assim por diante... mas por enquanto, vamos apenas ficar com a rota "Use Sua Imaginação". Eu me pergunto o que vai acontecer agora. Também falei com Nasu sobre uma rota na qual todos os mestres morrem após uma guerra totalmente desumana. Nós decidimos deixar ela para Urobuchi. Tenho certeza de que Nasu escreveria rotas secretas nas quais Rin, Sakura e Shinji também aparecem. Depois que ele terminar seu novo jogo[1].

Seria um empreendimento pesado, porém, apenas possível pela fonte de energia que é *Fate*.

Comecei a escrever isso para o 1º de Abril no final de março.

Dentro de três dias, eu tinha escrito o suficiente para preencher cerca de 140 páginas de um livro de tamanho padrão *bunkobon*[2]. Para ser honesto, eu escrevi isso muito mais rápido do que eu escrevo minhas próprias novels.

Eu tenho a energia para fazer isso com *Fate*, aquele grande jogo da Type-Moon. Quando comecei a escrever essa história, eu não conseguia parar. Eu tenho tanta energia para *Fate* que ainda estou fumegando.

Enfim: Ao Sr. Nasu, por examinar os detalhes da ambientação do romance quando enviei para ele em 1º de Abril, sem aviso prévio — Para

[1] Pela época, provavelmente se refere a Fate/EXTRA
[2] O pequeno formato no qual são lançadas a maioria das light novels japonesas.

todo o pessoal da Type-Moon que aprovaram essa novel e divulgaram meu site, especialmente Sr. Takeuchi — Para todos Type-Moon Ace que publicaram esta novel — Ao Sr. Sanda Makoto por me ajudar a escrever a falsa explicação da mecânica do jogo — Para a Senhora Morii Shizuki, por ilustrar esta novel mais lindamente do que eu poderia esperar e para dar vida aos personagens — E, por último, mas não menos importante, para todos os leitores maravilhosos, por perseverarem até o final desta novel um tanto quanto bizarra ——

Muito obrigado...!

Narita Ryohgo

Extra: “Nasu, o Editor Chefe”

Eu estava pensando em como certos fãs de Type-Moon poderiam se sentir se o novo trabalho de Nasu fosse atrasado porque ele estava me ajudando a editar esta novel. Mas de qualquer forma, se você quisesse saber exatamente o que acontecia durante as sessões de edição —

Eu: De início, eu estava planejando dar ao Mestre da Assassin a capacidade de mudar seu rosto e sua aparência em geral, girando uma tatuagem com um revólver em seu peito, mas eu pensei que seria um pouco exagerado, então eu joguei essa ideia fora.

Nasu: Isso parece ótimo!

Eu: Sério!?

Nasu: E dar o apelido de “O Cilindro de Seis”, e fazê-lo emperrar de vez em quando. Ah, espera. Acho que revólveres não emperram...

Eu: Um travesti[1]...?

Nasu e eu: Ele é na verdade uma loli!

Eu: Vou fazer isso!

Nasu: Este é o cérebro afetado por video games....

[1] Travesti e cilindro (parte do revolver onde ficam as balas) tem pronúncias semelhantes.

E assim, o Mestre da Assassin, Jester, acabou tendo o poder do Cilindro. Quando ele fica sem “faces” para usar, ele retorna à sua verdadeira forma: uma loli (ou talvez um bebê, ou talvez uma puma). E então, é hora do yuri. E aí está — uma produção de Nasu. Nasu disse que “não via a Assassin dando o Graal a qualquer homem, dado o quão difícil ela é”, então eu tentei pôr aquelas ideias improvisadas e valiosas na história.

...Bem, de qualquer forma, a história terminou tendo várias destas ideias loucas.

Eu ficaria muito satisfeito se você pudesse ler isso com esse espírito de loucura em sua mente.

Também teremos certeza de aguardar o próximo trabalho da Type-Moon. Yahooo!

...E agora que eu lisonjeei todos, eu já cheguei ao número limite de páginas.

Adoraria ter a oportunidade de trabalhar com a Type-Moon e seus fãs novamente. Bem, então, muito obrigado por ler os escritos deste intruso...!

Narita Ryohgo, novamente

Sou a ilustradora. Foi muito divertido fazer as ilustrações, seja como parte do meu trabalho ou como leitora dessa novel. Muito obrigado a todos os leitores, internautas e a todos que acompanharam essa novel!

Morii Shizuki

Outras Novels

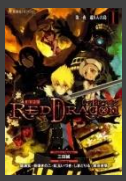
Narita Ryohgo (História)

Baccano!

Durarara!!

Etsusa Oohashi Series

Hariyama-san



Red Dragon

Vamp!

Morii Shizuki (Arte)

Dokusou Tanpen Series: Nozaki Mado Gekijou

Hazakura ga Kita Natsu

Mystic Museum